



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Liliana Manuela de Sousa Postiga da Nova

Fatores motivacionais no Pré- Escolar:

Projeto "O Cuquedo"

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final da Prática de Ensino
Supervisionada sob orientação do Professor
Doutor Carlos Almeida

Julho 2015

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.” Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

A execução deste projeto traduziu-se na realização de um sonho, no qual sempre acreditei. Com empenho, dedicação e bastante esforço consegui alcançá-lo e, por isso, não posso estar mais feliz. Várias foram as pessoas que contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Assim quero agradecer:

Ao professor Carlos Almeida, pela dedicação e paciência que disponibilizou comigo, pelas estratégias e sabedorias que me ajudaram a crescer, e acima de tudo pelos incentivos que me levaram a alcançar o que tanto desejava;

Às crianças e Pais/Encarregados de Educação pelo contributo, envolvimento e participação em todas as atividades que lhes foram solicitadas;

Às minhas professoras cooperantes Orlanda Almeida, Diana Miguel, Carla Rego bem como à assistente educativa Cassilda Cambão, pela aceitação deste projeto e colaboração, para que tudo corresse da melhor forma e pelo apoio constante;

Ao meu par pedagógico Marília Costa, pela colaboração e apoio ao longo de todo o projeto;

Aos Docentes do Mestrado pelos ensinamentos e experiência que me foram transmitindo ao longo deste percurso;

À minha Mãe que sempre acreditou e lutou para que tudo isto fosse possível;

À minha Irmã e ao meu Cunhado pelo encorajamento e apoio constante;

Ao meu Marido pela paciência, compreensão e apoio durante Jardim-de-infância esta longa caminhada;

Ao meu Sogro e à minha Sogra que sempre me encorajaram a ir em frente;

A todos os meus Amigos e Colegas que estiveram ligados a este projeto direta e indiretamente e contribuíram para o sucesso do mesmo.

Obrigada a todos por acreditarem em mim!

RESUMO

No âmbito da Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), inserida no curso de Mestrado de Educação Pré-escolar, desenvolveu-se o trabalho de investigação com vinte e três crianças da faixa etária três e quatro anos de idade, no Jardim-de-Infância (JI) da Meadela, pertencente ao Agrupamento de Escolas da Abelheira, tendo como propósito dar resposta à seguinte questão: “De que forma a motivação/empenho das crianças pode condicionar o processo ensino/aprendizagem?” Foram delineados os seguintes objetivos: promover o envolvimento parental em projetos educativos; motivar as crianças para atividades de carácter lúdico; promover a atividade plástica com recursos a diferentes técnicas (esponja; tecidos; sopro de tinta; colagem e recorte e carimbagem); promover a expressão musical através de práticas artísticas interligando as atividades de expressões (plástica, drama e música).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 1997) “A intencionalidade do processo educativo caracteriza a intervenção profissional do educador que passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando”, sendo que grande parte da motivação das crianças deve-se à sua inclusão nas atividades a desenvolver e à partilha de conhecimentos com a comunidade familiar.

O presente estudo desenvolveu-se numa metodologia de projeto, tendo sempre como enfoque a questão acima mencionada, incidindo sobre as expressões artísticas, relativa ao domínio da expressão dramática, expressão plástica e expressão musical. Através da análise de dados, constatámos que as crianças ao longo do projeto mostraram-se motivadas, empenhadas e interessadas para atingir os fins propostos, conseguindo, desta forma, ultrapassar as lacunas verificadas inicialmente, nomeadamente, défice de concentração e, por vezes, falta de interesse.

Face aos resultados verificados podemos afirmar que o envolvimento das crianças na idade pré-escolar em atividades lúdicas, condicionam-nas positivamente, enaltecendo os laços sociais, o respeito pelo outro, partilha na ação e o sentido de grupo.

Palavras-chave: motivação; expressões artísticas; pré-escolar

ABSTRACT

In the framework of the 2nd Supervised Teaching (PES II) Practical Curricular Unit (UC), part of the Master on Preschool Education, we developed a research project with twenty-three children, aged between three and four years old, in the Meadela Kindergarten (JI), which belongs to the Abelheira Group of Schools. The main purpose was to answer the following question: "How does the motivation of children influence the teaching/learning process?" The following objectives were defined: (i) promoting parental involvement in educational projects; (ii) motivating children to recreational activities; (iii) promoting plastic arts by relying on different techniques (sponge, cloth); and (iv) promoting musical expression through artistic activities integrating the different types of expressive activities (plastic, drama and music).

According to the Curriculum Guidelines for Pre-School Education (OCEPE) "The intent of the educational process characterizes the professional educator's intervention, which goes through different intertwined stages that are consecutive and deepening", being that much of the motivation of children is due to their inclusion in the activities to develop, and to sharing their knowledge with their family.

This study was developed following a project-based methodology, always taking as reference the aforementioned issue, and focusing on the content area related to the field of dramatic expression. Through data analysis we found that, throughout the project, children remained motivated, committed and interested in achieving the proposed goals, thereby overcoming the gaps initially detected, especially those related to concentration deficit and lack of interest.

Attending to the project outcomes, we can say that the involvement of preschool children in recreational activities, as in the case of dramatic expression, had a positive impact on them, strengthening social ties and respect for others, while also improving sharing and the sense of group.

Keywords: motivation; dramatic expression; preschool education

ÍNDICE

Agradecimentos.....	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
PARTE I.....	1
Introdução	2
1. Caraterização do contexto educativo	4
1.1. Caraterização do contexto quanto ao meio e social	4
1.2. Caraterização do agrupamento	5
2. Caraterização jardim-de-infância	6
2.1. Recursos humanos.....	6
2.2. Caraterísticas estruturais do jardim-de-infância.....	7
3. Caraterização das crianças da sala.....	8
3.1. Caraterização da sala 1	8
3.2. Caraterização da faixa etária segundo a literatura.....	10
4. Implicações e limitações do contexto na aplicação do projeto.....	18
PARTE II.....	20
1. Enquadramento do estudo	21
1.1. Contextualização e pertinência do estudo	22
1.2. Problemática do estudo	22
1.3. Questão de investigação	22
1.4. Finalidades da investigação.....	23
1.5. Organização do estudo	23
2. Fundamentação teórica	24
2.1. A importância das expressões artísticas na educação pré-escolar.....	24
2.2. As interações sociais enquanto resultantes na participação do projeto.....	27
2.3. O papel do educador de infância no âmbito das interações sociais	29
2.4. A ação motivacional da criança na participação de um projeto.....	31
3. Metodologia adotada	35
3.1. Seleção da metodologia de investigação	35

3.2.	Participantes do estudo.....	37
3.3.	Instrumentos de recolha de dados	39
3.4.	Plano de ação.....	41
3.5.	Atividades de investigação.....	43
3.6.	Questões éticas	52
4.	Descrição, Análise e interpretação dos resultados.....	53
4.1.	Atividade: “Vamos conhecer o Cuquedo”	53
4.2.	Atividade: “Os animais da história”	63
4.3.	Atividade: “Que animal queres dramatizar?”.....	74
4.4.	Atividade: “A orquestra do Cuquedo”	82
4.5.	Atividade: “Descoberta de talentos”	86
4.6.	Atividade “Sei contar a história - O Cuquedo”	91
4.7.	Atividade: “Mãos à obra	93
4.8.	Atividade: “Alto lá, estão todos convidados”	97
4.9.	Atividade “Viagem à selva”	101
5.	Conclusões.....	108
5.1.	Conclusões do estudo	108
5.2.	Recomendações para futuras investigações	111
	Parte III.....	112
	Reflexão final sobre a PES.....	113
	Referências bibliográficas.....	115

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO	120
Anexo 3: Informações aos pais e encarregados de educação	122
Anexo 4: Informações aos pais e encarregados de educação	123
Anexo 2: Pedido aos pais e encarregados de educação	124
Anexo 6: Convite a comunidade educativa	125
Anexo 7: História do Cuquedo	126
Anexo 8: Imagens dos animais	127
Anexo 9: Gráfico do animal preferido- imagem da internet	128
Anexo 10: Máscaras de animais	129
Anexo 11: Diferentes animais.....	130
Anexo 12: Imagens dos animais	131
Anexo 13: Letra da canção do Cuquedo “Liliana Nova”:	132
Anexo 14: CD	132
✓ Planificações.....	132
✓ Reflexões	132
✓ Áudio da história contada pelas crianças.....	132
✓ Vídeo da apresentação final “O Cuquedo”.	132

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa das freguesias de Viana do Castelo	4
Figura 2. Refeitório.....	6
Figura 3 - Recreio.....	7
Figura 4 - Placar lateral e bengaleiros de toalhas	8
Figura 5 - Sala de atividades.....	8
Figura 6. Decoração da sala de atividades aluvia ao tema	53
Figura 7. Registos do Cuquedo segundo perspetiva das crianças.....	55
Figura 8. Registo do Cuquedo segundo a perspetiva das crianças	56
Figura 9. Demonstração dos registos gráficos	57
Figura 10. Exploração da história na íntegra.....	59
Figura 11. Imagem da sequência da história.....	64
Figura 12. Fantoches representativos dos animais da história.....	65
Figura 13. Fantoches para recriar a história.....	66
Figura 14. Exploração do livro gigante	67
Figura 15. Exploração e construção do livro gigante	67
Figura 16. Diferenciar animais selvagens de domésticos.....	69
Figura 17. Registo dos conjuntos de animais	69
Figura 18. Registo do animal que querem representar	75
Figura 19. Registo e identificação dos pormenores.....	76
Figura 20. Gráfico da escolha do animal para dramatizar	78
Figura 21. Escolha do animal através do Gráfico	79
Figura 22. Informação da peça de teatro.....	80
Figura 23. Teatro Municipal de Viana do Castelo	80
Figura 24. Ensaio no polivalente	82
Figura 25. Primeiro contato com o pictograma	83
Figura 26. Ensaio da música do Cuquedo.....	84
Figura 27. Pictograma da música do Cuquedo.....	84
Figura 28. Ensaio da dramatização com as máscaras	87
Figura 29. Ensaio da dramatização	87
Figura 30. Ensaio geral na Paróquia	88
Figura 31. Gravação da história em grande grupo.....	91
Figura 32. Gravação da história em pequenos grupos.....	91
Figura 33. Colaboração dos familiares	94
Figura 34. Colaboração dos familiares	95

Figura 35. Acabamentos finais por parte das crianças.....	95
Figura 36. Material para a elaboração dos convites	98
Figura 37. Elaboração dos convites - Técnica da colagem	98
Figura 38. Técnica do carimbo e do supro de tinta.....	98
Figura 39. Elaboração dos pompons	98
Figura 40. Convite para os pais e encarregados de educação	99
Figura 41. Convite para a comunidade educativa.....	99
Figura 42. Preparação para a apresentação final.....	101
Figura 43. Apresentação da dramatização do Cuquedo	102
Figura 44. Atuação da música do Cuquedo.....	103
Figura 45. Apresentação da canção e coreografia do Cuquedo	105
Figura 46. Apresentação em palco.....	107

ÍNDICE DE GRELHAS

Grelha 1 Exploração da história “O Cuquedo”	60
Grelha 2. Sequência da História “O Cuquedo”	70
Grelha 3 Diferenciar animais domésticos de selvagens	73
Grelha 4 Ida ao teatro municipal Sá Miranda.....	81
Grelha 5 Canção do Cuquedo	85
Grelha 6 Ensaio do Cuquedo	89
Grelha 7 Gravação da história:	92
Grelha 8 Envolvimento de pais e familiares:	96
Grelha 9 Construção dos convites para os familiares:	100
Grelha 10 Apresentação da peça de teatro “O Cuquedo”:	104
Grelha 11 Comentários das famílias acerca da apresentação:.....	106

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Participantes do estudo	38
Tabela 2: Plano de ação	42

Índice de Abreviaturas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

JI - Jardim de Infância

OCEPE - Orientações curriculares do ensino pré-escolar

ACEP - Associação Cultural de Educação Popular

UC -Unidade curricular

PARTE I

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), inserida no curso de Mestrado de Educação Pré-escolar, desenvolveu-se um trabalho de investigação com vinte e três crianças da faixa etária três e quatro anos de idade, no Jardim-de- Infância (JI) da Meadela, pertencente ao Agrupamento de Escolas da Abelheira.

Enquanto estagiária do Mestrado de Educação Pré-escolar e futura educadora de infância, tenho consciência de que usufruí de uma oportunidade ímpar para a mobilização de conhecimentos, capacidades, competências e atitudes adquiridas ao longo de toda formação académica. Assim, a questão que pretendi ver desenvolvida no meu trabalho de investigação, e que ao longo deste estudo pretendo expor, foi a seguinte: “De que forma a motivação/empenho das crianças pode condicionar o processo ensino/aprendizagem?”

De acordo com Arends (1995), aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e pesquisa crítica. A experiência prática, em contexto real, constitui um momento privilegiado de aprendizagem. Neste sentido, tendo como instrumento de trabalho a prática de ensino supervisionada, pretendemos com este trabalho contribuir, não só para a evolução pessoal, enquanto profissional da área educacional, mas também despertar consciências para a importância da comunidade familiar como efeito motivador nas crianças em contexto escolar.

Este projeto integra três capítulos cruciais, de modo a desenvolver as competências profissionais inerentes à docência. No primeiro capítulo, apresenta-se o contexto educativo, que agrega a caracterização do contexto social e cultural; a caracterização do JI, da sala de atividades e do grupo de crianças. São ainda mencionadas algumas implicações e limitações do contexto que foram surgindo ao longo do projeto.

O segundo capítulo contempla o enquadramento teórico; a fundamentação teórica segundo diferentes perspectivas de diferentes autores; a metodologia adaptada; a análise e interpretação dos dados e, por fim, as conclusões do estudo.

O terceiro e último capítulo são reservados à reflexão final da PES, onde se apresentam as principais limitações, as experiências vivenciadas na prática de ensino supervisionada, bem como, o contributo da mesma para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais. Esta segmentação é fulcral, uma vez que é concebida numa perspectiva de desenvolvimento profissional, visando o nosso desempenho como futuros educadores de infância. Promove ainda uma postura crítica e reflexiva em relação aos desafios do quotidiano profissional.

1. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

1.1. Caraterização do contexto quanto ao meio e social

Integrado na sub-região do Minho-Lima, no concelho de Viana do Castelo, o jardim-de-infância, no qual decorreu a investigação, situa-se na freguesia da Meadela como nos



Figura 1. Mapa das freguesias de Viana do Castelo

nenhum nível de instrução, há 1860 habitantes com o 1º ciclo do ensino básico, 1230 com o 2ºciclo, 1723 com o 3ºciclo, 1533 com o ensino secundário, 127 com pós-graduação e 1730 com o ensino superior.

De acordo com o site da freguesia, **a nível socioeconómico**, na freguesia da Meadela há um predomínio dos setores de atividade como a agricultura, a pecuária, o comércio e a indústria de cerâmica.

A nível cultural, existem várias coletividades que ajudam a promover a freguesia, sendo estas, a ACEP – Associação Cultural e Educação Popular, a ACAT – Associação Equestre Taurina a Associação de Moradores da Cova, a Associação de Moradores de Portuzelo, o Centro Social e Paroquial da Meadela, o Corpo Nacional de Escutas – Agrupamento 348, o

Grupo Folclórico das Lavradeiras de Meadela e Ronda Típica da Meadela, a Associação de Guias de Portugal, o Centro Social e Cultural da Meadela, a Associação de Dadores de Sangue e a Associação de Columbófila da Meadela.

O património da freguesia da Meadela é composto pela casa grande da Meadela, azenhas do Prior, capela da Senhora da Ajuda, capela de Nossa Senhora da Consolação, capela de Santo Amaro, capela de São Vicente, casa do Ameal, igreja paroquial da Meadela – igreja de Santa Cristina e a Torre de Paredes – Solar dos Bezerras.

1.2. Caracterização do agrupamento

As instituições de ensino pertencentes a este Agrupamento são: a Escola EB 2, 3 de Viana do Castelo, a Escola EB 1 da Abelheira, a Escola EB 1 da Igreja em Meadela, a Escola EB 1 do Calvário em Meadela, o jardim-de-infância de Viana do Castelo – n.º 1 e o jardim-de-infância da Meadela.

O agrupamento é constituído por 65 turmas, sendo estas do pré-escolar, 1ºciclo, 2ºciclo e 3ºciclo. Tem 1449 alunos, 28 alunos com necessidades especiais. Este também acolhe 120 docentes, 24 auxiliares de ação educativa e mais 29 pessoas que ocupam cargos administrativos, entre outros.

No agrupamento existe Serviço de Psicologia e Orientação Escolar, sendo coordenado por uma técnica formada na área, que fornece apoio a todas as instituições que fazem parte deste agrupamento.

2. CARATERIZAÇÃO JARDIM-DE-INFÂNCIA

2.1. Recursos humanos

A instituição é constituída pelos seguintes membros:

- 7 Educadoras;
- 1 Diretora;
- 6 Assistentes operacionais
- 1 Cozinheira;
- 2 Ajudantes de cozinha.



Figura 2. Refeitório

Cada educadora é responsável por uma sala e as assistentes operacionais que auxiliam nas salas que mais precisam, alternando nas mesmas de acordo com as necessidades. Além do apoio nas salas, as auxiliares recebem e acompanham as crianças logo pela manhã quando chegam ao jardim-de-infância e no final da escola acompanham as crianças, enquanto aguardam pelos pais ou conduzem-nas até á carrinhas que as levará para a ACEP (tal como foi referenciado anteriormente, a ACEP é uma instituição particular de solidariedade social sem fins lucrativos).

No jardim-de-infância existem, aproximadamente, 150 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

2.2. Características estruturais do jardim-de-infância

O jardim-de-infância da Meadela é constituído por seis salas, com turmas heterogéneas, possui cinco casas de banho diferenciadas, sendo que duas são de grande dimensão perto das salas, uma de dimensão menor na cantina para as crianças e duas para adultos. Existe uma sala de refeições



Figura 3 - Recreio

(fig.2) com grandes dimensões, para que todas as crianças estejam reunidas na hora de almoço; uma cozinha; uma despensa para guardar os alimentos; uma sala de



Figura 4 - Polivalente

professores/reuniões, onde os docentes se juntam nos horários livres; uma secretária; uma sala para receber os meninos de manhã (receção); uma sala polivalente (fig.4) que funciona como sala de motricidade e dois espaços exteriores (com coberto e sem coberto) para recreio, um com jogos tradicionais e outro com baloiços (fig.3).

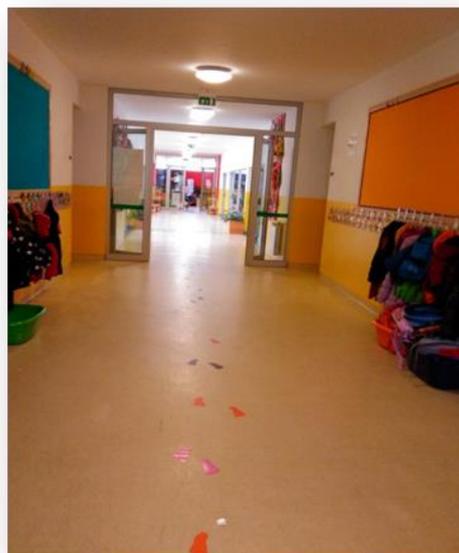


Figura 5 - Corredores amplos

3. CARATERIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DA SALA

3.1. Caracterização da sala 1

Especificando o nosso ambiente educativo, mais concretamente a nossa sala (fig.5), a sala um, é constituída por vinte e três crianças, nove delas do sexo feminino e catorze do sexo masculino.

Possui luz natural, tem bastante ventilação para renovar o ar, dois aquecedores, quadro branco, e uma



Figura 4 - Placar lateral e bengaleiros de toalhas

grande extensão de placar, onde se colocam os materiais mais utilizados no uso diário, como por exemplo quadro de presenças, quadro do tempo, quadro dos aniversários, etc. Possui também um lavatório e uma banca, dando possibilidade às crianças para se movimentarem à vontade. Um dos extremos da sala é ocupado por um bengaleiro, (fig.4) com fotografias identificativas de cada uma das crianças, onde as mesmas penduram as toalhas.

A sala de atividades está dividida por várias áreas lúdicas: a área da casinha; a área da biblioteca; a área das construções/jogos de mesa; a área da expressão plástica e a área do computador.



Figura 5 - Sala de atividades

Uma das áreas favoritas do grupo é a área da casinha. O jogo simbólico pode ser visto como a expressão e comunicação através do próprio corpo da criança, é uma atividade espontânea que poderá colocar

no jardim-de-infância uma visível interação com diferentes recursos (físicos ou materiais) (DEB, 1997).

Nesta área, as crianças envolvem-se na aprendizagem ativa, podendo assim “explorar, construir, imaginar e criar, porque tem à sua disposição uma variedade grande de materiais para escolher, manipular e sobre os quais podem falar com colegas e adultos”, como refere Oliveira-Formosinho, que se baseia nas potencialidades do currículo High Scope.

É também nesta área que as crianças, em atividade de exploração, imitação e “faz de conta”, ficam frequentemente satisfeitas ao brincarem sozinhas ou ao agirem acompanhadas. Esta área é também aproveitada para representarem diversos papéis familiares, como: mães, pais, padrastos, bebés, tios, avós, bombeiros, etc.

Todos os jogos são um recurso para as crianças se relacionarem com o espaço.

“Nestes materiais de construção podem distinguir-se aqueles que dão uma grande liberdade de realização, sendo os mais habituais, cubos, “legos” e similares e os materiais que supõem uma utilização determinada. Os materiais ditos “autocorretivos”, que são uma antiga tradição da educação pré escolar, permitem uma organização de acordo com o tamanho, a forma, a cor.” (OCEPE, p.75).

A área dos jogos de mesa é composta por diversos jogos didáticos. Segundo OCEPE (1997, p. 76) “todos estes jogos são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens”. Os jogos trabalham as formas geométricas, as relações espaciais, as palavras, entre outros. Esta área visa desenvolver nas crianças a autonomia, as suas preferências por área de conteúdo e a sua preferência pelo género de jogo didático que mais gosta.

Na área da biblioteca pretende-se inculcar, desde logo, o gosto pela leitura e possibilitar o desenvolvimento do imaginário. No entanto, é a área menos procurada, pois existem poucos recursos adequados que possibilitem a exploração pelas crianças sem o auxílio do adulto. Neste sentido, devemos facilitar e promover a referida área incentivando o gosto pelo livro e pela palavra escrita durante a educação pré-escolar, bem como, o contato e frequência da biblioteca nestas idades para que as crianças tenham oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de recreio e de cultura (OCEPE, 1997).

Na área da informática, composta por um computador, pretende-se alargar a forma como podemos atingir o nosso conhecimento. O conhecimento pode ser atingido não só através da comunicação tradicional, mas também através da comunicação informática, uma vez que “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações da aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” (OCEPE, 1997, p.72)

No que diz respeito à área da expressão plástica é fundamental que

“enquanto meio de representação e comunicação pode ser de iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido” (OCEPE, p.62)

3.2. Caracterização da faixa etária segundo a literatura

Segundo a teoria piagetiana, as crianças que se encontram em idade pré-escolar encontram-se no estágio pré-operatório, o qual abrange crianças dos dois aos sete anos. Uma das características desse estágio é o desenvolvimento da linguagem e o raciocínio pré-lógico. Piaget refere que “as crianças nesta fase se tornam mais sofisticadas no uso do pensamento simbólico, no entanto ainda não são capazes de usar a lógica” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 312).

Erickson (1950) fala-nos do desenvolvimento da criança. Afirma que as crianças entre os três e os seis anos estão numa fase crucial de desenvolvimento da sua personalidade onde têm que ponderar o desejo de prosseguir os seus objetivos e os condicionalismos de ordem moral. Nesta etapa surge a preocupação entre a iniciativa versus culpa. “O conflito emerge a partir do sentido crescente de finalidade, que permite à criança planear e realizar atividades, e dos problemas crescentes de consciência que a criança pode ter acerca desses planos. As crianças do período pré-escolar conseguem fazer e querem fazer mais e mais” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p.355)

Apesar de Piaget ser um autor importante no desenvolvimento, várias limitações foram atribuídas à sua prática. A teoria de estruturação de pensamento, passa a centrar-se mais

“No modo como são construídas as estruturas específicas ou “locais” e menos nas capacidades cognitivas abrangentes que, supostamente, operam em todas as áreas do pensamento” “Estas duas mudanças vieram, assim tomar as teorias estruturalistas mais diretamente úteis aos educadores de infância que ajudam as crianças pequenas a aprender” (Spodek, 2002, p.31)

Vigotsky na sua teoria tem em atenção o papel do educador de infância, o do encarregado de educação e o meio cultural em que decorre a aprendizagem. “ A teoria de Vigotsky preconiza a existência de construtos sociais de desenvolvimento e fornece uma explicação para o modo como as interações sociais dinâmicas entre o aluno e o educador conduzem o aluno à proficiência” (Spodek, 2002, p.301).

Partindo das OCEPE, documento que está na legislação para que todos os educadores sigam as mesmas metodologias (uma vez que existem várias teorias que apontam para abordagens diferentes), o desenvolvimento curricular deve ter em conta os objetivos gerais da educação, a organização do ambiente educativo, a continuidade e a intencionalidade educativa, bem como as áreas de conteúdo. Segundo as OCEPE (1997, p.47), “consideram-se “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer”. Posto isto, elas vão funcionar como apoio na organização de contextos de aprendizagem. As denominadas áreas de conteúdo estão estruturadas em três grandes grupos: «formação pessoal e social», «expressão, comunicação e representação» e «conhecimento do mundo» (OCEPE, 1997,p.14). É importante salientar que segundo as OCEPE (1997, p.48) estas diferentes áreas de conteúdo não deverão ser vistas como compartimentos estanques a serem abordados separadamente.

A área de Formação Pessoal e Social pretende favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento das crianças, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos morais e cívicos. Trata-se de uma área transversal, pois todas as

componentes devem de ir ao encontro desta, no sentido em que em todas as componentes devem ter em atenção a promoção de atitudes e valores.

Em consequência, esta área possibilita e favorece a formação da criança, para que possa inserir e integrar plenamente na sociedade em que vivemos, procurando ser um ser solidário e autónomo livre.

Desta forma, é de extrema importância o desenvolvimento desta área no pré-escolar, visto que “o ser humano constrói-se em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia.” (OCEPE, 1997, p. 51).

Segundo Houle *in* Martins (2002, p. 53) “é através da expressão e reconhecimento do seu desejo pelo outro, numa experiência de prazer partilhado, que a criança adquire e confirma o sentimento de existir e de ter uma identidade pessoal.”

Na componente pessoal as crianças de três e quatro anos, apesar de terem como adquirido alguns conceitos ligados com a procura da própria identidade, autoestima, iniciativa própria, desenvolvimento e expressão de afetos e autocontrolo, estão em permanente desenvolvimento e aquisição de conceitos. Quanto à componente de socialização, são crianças que demonstram uma boa comunicação e integração dentro do grupo, hábitos e atitudes de respeito, cooperação e solidariedade e assimilação de normas e valores.

A área do conhecimento do mundo é uma área de aquisição e articulação de conhecimentos, sendo que o seu principal objetivo é a exploração do mundo.

É no pré-escolar que as crianças contactam com novas situações. Para muitas delas é no jardim-de-infância que abordam pela primeira vez o desenvolvimento das ciências. Então, é através da exploração de diferentes e diversos materiais que as crianças começam a conhecer melhor o mundo. A brincar e a interagir com os outros, as crianças assimilam os conhecimentos e despertam para o mundo que as rodeia. Para isso, é necessário ter à sua disposição uma série de materiais, podendo livremente explorá-los. A título de exemplo, podemos mencionar o conceito de tempo, um conceito um pouco complexo para esta faixa etária, onde é utilizado o denominado quadro do tempo, permitindo a criança situar-se no tempo. “Se a observação do tempo faz parte de muitos contextos da educação pré-escolar,

os conhecimentos de, meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspetos que interessam as crianças e que podem ter um tratamento mais aprofundado.” (OCEPE,p.81).

A área da expressão e comunicação é entendida como sendo uma área elementar de conteúdos, pois dela deriva uma reflexão sobre aspetos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem, fornecendo instrumentos fundamentais para uma aprendizagem ao longo de toda a vida da criança. A área da expressão e comunicação engloba as aprendizagens como desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem. (DEB, 1997, p.56)

A educação pré-escolar deve, deste modo, possibilitar às crianças vivências de diferenciação entre a imaginação e a realidade, pois é importante transformar a imaginação que está presente nesta faixa etária, para uma imaginação inovadora/criadora que lhes permita descobrir soluções e formas de explorar diferentes mundos. (DEB, 1997,p.46)

Nesta área, deparámo-nos com a particularidade de nela existirem ainda outros domínios: expressão motora, dramática, plástica e musical (estas são expressões que se completam e devem ser articuladas em simultâneo). Temos ainda o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da matemática.

A educação artística é um elemento indispensável no desenvolvimento social, pessoal e cultural da criança. É uma forma de articulação entre imaginação, razão e emoção. Assim, pode-se dizer que a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam significados do quotidiano.

“A área da expressão e comunicação engloba as aprendizagens como desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem.” (DEB, 1997, p.56)

A educação pré-escolar deve, deste modo, possibilitar às crianças vivências de diferenciação entre a imaginação e a realidade, pois é importante transformar a imaginação que está presente nesta faixa etária para uma imaginação inovadora/criadora

que lhes permita descobrir soluções e formas de explorar diferentes mundos, por isso a área das expressões ser extremamente importante para o desenvolvimento das crianças. (DEB, 1997)

É através das expressões que a criança interage com o outro, permitindo-lhe exprimir-se em diferentes áreas que lhe são úteis no seu quotidiano.

Assim, podemos afirmar de acordo com DEB (1997) que “a educação estética, partindo do contexto educativo da educação pré-escolar, estará presente no contato com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade.” (p. 55).

A área da expressão e da comunicação está dividida em domínios. Assim, no domínio das expressões temos quatro vertentes distintas, mas que podem ser articuladas e em muitos aspetos se tocam, pois completam-se mutuamente. As quatro vertentes são: a expressão motora, a expressão dramática, a expressão plástica e expressão musical.

Segundo as OCEPE (1997) estas formas de expressão são, também, meios de comunicação, que “apelam para uma sensibilização estética e exigem o progressivo domínio de instrumentos e técnicas.” (p. 57).

De seguida, apresenta-se uma pequena abordagem aos diferentes domínios das expressões – expressão motora, expressão dramática, expressão plástica e expressão musical –, de forma a demonstrar em que cada uma dessas expressões contribui no desenvolvimento da criança e de que maneira o educador pode facilitar o ensino das diferentes expressões.

“A expressão plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidades o trabalho desenvolvido.” (DEB, 1997, p. 62)

“A expressão plástica implica um controle da motricidade fina que se relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (DEB, 1997, p. 61). Nesta vertente,

encontramos os meios para a criança manifestar o que pensa e informar o que pretende, através das atividades práticas e criativas.

A iniciativa para a realização de atividades de expressão plástica deve partir da própria criança e, são as situações educativas geradas pelo educador que motivam o envolvimento dos mais pequeninos na exploração e realização de trabalhos propostos. (DEB, 1997)

Segundo Sousa (2003) a expressão plástica não é centrada na produção de obras de arte, mas no desenvolvimento das capacidades e na satisfação das necessidades das crianças. Esta deve ser uma atividade natural, livre e espontânea.

“Através da expressão livre a criança não só desenvolve a imaginação e sensibilidade, como também aprende a conhecer-se a conhecer os outros...” (Gonçalves, 1991,p.48)

“O seu principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através de materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança.” (Sousa, 2003, p. 160)

No domínio de expressão musical a criança tem a possibilidade de tocar, dançar e cantar, e também, a oportunidade de aprender a diferenciar a voz, o ritmo, os movimentos corporais e os sons. Sabe-se, assim, que “a música está entre as primeiras experiências sociais da criança.” (Spodek, 2010, p.461)

A educação musical, segundo DEB (1997) gira em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, dançar, cantar, tocar e criar que promovem a relação entre a música e a palavra facilitando o seu desenvolvimento. Por exemplo, o ato de cantar é uma atividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida com a associação de movimento/ dança e respetiva interpretação instrumental.

Desde a mais tenra idade que a criança possui capacidades para perceber e recordar ritmos, sons, alturas, reconhecendo imediatamente uma melodia mesmo quando é tocada em tempos ou alturas diferentes.

Sousa (2003) defende que a música é tão fundamental na sociedade humana que a considerou uma necessidade humana fundamental que atravessa a diversidade cultural.

Assim, o desenvolvimento das competências musicais pode trazer benefícios que são estendíveis a outras categorias da aptidão pessoal e social. Ao desenvolverem as aptidões de execução, audição e apreciação musical as crianças podem estar conjuntamente a desenvolver ou a fortalecer o seu desenvolvimento cognitivo, físico e social.

Segundo Sousa (2003,p.63), numa visão de Draper e Gayle, os autores dos livros de educação de infância citam várias razões para envolverem as crianças na música, dividindo estas razões por categorias: proporciona a autoexpressão e o prazer criativo (70%), fomenta o desenvolvimento motor e rítmico (67%), desenvolve o sentido estético (46%), ajuda o desenvolvimento vocal e da linguagem (31%), promove a herança cultural (26%), promove o desenvolvimento cognitivo e o pensamento abstrato (25%) e desenvolve as competências sociais e de grupo (20%).

“As crianças pré-escolares (...) podem mexer-se ao som da música e tocar instrumentos musicais simples de uma forma deliberada e organizada (...) conseguem cantar canções inteiras e até criar as suas próprias canções. São também capazes de associar a música a situações familiares e respondem à música com a totalidade dos seus corpos.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 657)

“A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio em relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais.” (DEB, 1997, p. 59)

O domínio da expressão dramática põe a criança em circulação suscitando, através de atividades lúdicas, uma aprendizagem transversal que auxilia o seu desenvolvimento. É uma área que capta com facilidade os mais pequeninos devido a poder ser trabalhada de diferentes formas como o caso do jogo simbólico.

Segundo as OCEPE (1997,p.54) o jogo simbólico pode ser olhado como a expressão e comunicação através do próprio corpo da criança, é uma atividade natural que poderá colocar no jardim-de-infância uma visível interação com diferentes recursos. A ação do educador facilita o aparecimento de outras situações de expressão e comunicação. “Através do corpo/voz podem exprimir-se situações da vida quotidiana – levantar-se,

vestir-se, viajar; movimentos – vento, crescer; sentimentos ou atitudes – estar triste, alegre, cansado...” (DEB, 1997, p. 60)

O educador deve intervir de forma a alargar o jogo simbólico, através de sugestões que aumentam as propostas das crianças. Cabe, também, ao educador utilizar recursos que sejam facilitadores do jogo simbólico, como o exemplo de fantoches. Estes materiais “facilitam a expressão e a comunicação através de um outro, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (DEB, 1997,p.65)

4. IMPLICAÇÕES E LIMITAÇÕES DO CONTEXTO NA APLICAÇÃO DO PROJETO

Quanto às implicações e limitações do contexto educativo onde foi desenvolvido o projeto, foi bastante notório, perante a nossa implementação, um maior desenvolvimento cognitivo, social e afetivo por parte das crianças. Isto deve-se à presença da família, fora e dentro do ambiente escolar, e ao apoio que esta presta à criança. Também são notórios casos de famílias que dão menos apoio ou que têm dificuldades em aceitar as diferenças das crianças.

Ao longo dos anos, vários autores têm evidenciado a importância do envolvimento familiar nas escolas. Diversos estudos têm provado que a família é um dos muitos contextos educativos que influencia o ensino aprendizagem das crianças em idade pré-escolar.

Segundo John Dewey, 1897

“A escola deve apoiar-se nas experiências vividas pela criança no seio da família e crescer gradualmente para fora da vida familiar; deve partir das atividades que a criança vivencia em casa e continuá-las...É tarefa da escola aprofundar e alargar os valores da criança, previamente desenvolvidos no contexto da família”(p.99)

Um outro fator importante para o processo de ensino aprendizagem é o jardim-de-infância e o educador. Estes elementos são também importantes, na medida em que proporcionam às crianças novos conhecimentos, utilizando técnicas variadas e não esquecendo a parte lúdica. Como surge nas OCEPE

“Adotar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o caráter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal” (p.18).

Contudo, verificámos que neste contexto, existem áreas consideradas mais relevantes e que são exploradas mais vezes. Como consequência, existem áreas que ficam mais esquecidas, como por exemplo a área da expressão dramática, problema sentido no presente contexto. Este problema cabe a nós, futuros profissionais, tentar resolver, dando

destaque a todas as áreas de igual forma, tentando sempre interligar todas as áreas do saber.

Também cabe ao educador ter em atenção a faixa etária das crianças, os materiais, temas e objetivos, uma vez que devem estar sempre enquadrados na faixa etária a desenvolver. É fundamental permitir às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas.

O Jardim-de-Infância da Meadela possuiu boas condições e bastante material para proporcionar o desenvolvimento de todas as crianças. No entanto, como forma de preservação, muito do material encontra-se guardado em armários, onde só as educadoras têm acesso, como por exemplo, os instrumentos musicais, blocos lógicos. A biblioteca está fechada e, por isso, muito do material ali colocado, como os fantocheiros, fantoches, são desconhecidos das crianças. Se todos os materiais estivessem acessíveis às crianças, iriam possibilitar o seu desenvolvimento. Cabe ao educador ter essa consciência e proporcionar as devidas atividades.

As atividades, para desenvolver o presente estudo, foram iniciadas em vinte e três de fevereiro e terminaram em Junho de 2015. Assim, em termos cronológicos, o tempo foi adequado para a realização da presente investigação.

Relativamente ao desenvolvimento da prática de ensino supervisionada, apesar de, por duas vezes, ter existido uma substituição de cooperante, e, por isso, ter um acompanhamento de três pessoas diferentes, tal facto, não constituiu qualquer entrave para a evolução do projeto.

PARTE II

1. ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

Esta segunda parte do estudo, está subdividida em cinco capítulos essenciais para esta investigação.

No segundo capítulo é tratado o enquadramento teórico, no que diz respeito aos pensamentos de vários autores, conceitos e teorias alusivos ao estudo. Neste ponto saliento os seguintes temas de estudo: A importância das expressões artísticas na educação pré-escolar; as interações sociais enquanto resultantes na participação do projeto; o papel do educador de infância no âmbito das interações sociais, e por fim, a ação motivacional da criança na participação de um projeto.

No terceiro capítulo trata a metodologia de investigação que delimita este estudo, onde é apresentado o método de investigação de projeto, os instrumentos de recolha de dados e as vantagens e desvantagens da sua aplicação, os procedimentos e, ainda as questões éticas.

No quarto capítulo faz referência à análise e tratamento dos dados.

No último e quinto capítulo faz uma sinopse às conclusões do estudo.

Na qualidade de profissional da educação, a participação da comunidade familiar em tudo o que diz respeito ao jardim-de-infância, deverá ser uma prioridade e preocupação para quem se dedica a esta área. Por isso, pretendemos com o presente estudo alertar para a importância da interação entre comunidade familiar (a qual poderá ser constituída por diversos elementos e não só a família nuclear tradicional), jardim-de-infância (como um todo, onde se inserem os educadores, auxiliares e toda a comunidade educativa) e crianças no sistema educativo, tendo ainda em conta todos os fenómenos educativos e sociais aqui envolvidos.

Dado que a área das expressões artísticas é pouco trabalhada propusemo-nos executar o presente estudo tendo como objetivo contribuir para a minimização da necessidade diagnosticada.

O presente capítulo baseia-se no enquadramento do estudo e todos os pontos importantes para a sua concretização. Os aspetos a abordar no presente capítulo são: contextualização e pertinência do estudo; a problemática do estudo; as questões de investigação; as finalidades da investigação e a organização do estudo.

1.1. Contextualização e pertinência do estudo

Este estudo de investigação consistiu na execução de diversas atividades em contato com as expressões artísticas, onde a interação da comunidade familiar foi constantemente estimulada, culminando no desenvolvimento bastante positivo das crianças aqui implicadas. Para a execução deste projeto teve-se em conta o grupo em questão, as necessidades do mesmo e todo o circunstancialismo envolvente, quer em termos sociais, culturais e geográficos. Assim, no campo da educação, este estudo salienta a importância da comunidade familiar como elemento motivador e influenciador nas crianças, tendo por base o teatro como ferramenta pedagógica, com vista a uma melhoria na articulação de saberes e práticas educativas.

1.2. Problemática do estudo

Com o contato com o grupo na PES I e tendo em conta os seus interesses e necessidades, identificámos carências nas áreas das expressões artísticas. Assim, sabendo que a área e domínio preferencial das crianças era a área da casinha e do faz de conta, tínhamos à partida condições favoráveis para apostar na exploração lúdica e interativa, e, neste sentido, proporcionar momentos diferentes e dinâmicos.

1.3. Questão de investigação

Traçada a problemática do estudo, elegemos a seguinte questão de investigação: “De que forma a motivação pode condicionar o processo de ensino/aprendizagem?”

1.4. Finalidades da investigação

Em função da problemática, os objetivos de investigação a atingir foram os seguintes:

- Promover o envolvimento parental em projetos educativos;
- Motivar as crianças para atividades de caráter lúdico;
- Promover a atividade plástica com recursos a diferentes técnicas (esponja, tecidos, sopro de tinta, carimbagem, recorte e colagem).
- Promover a expressão musical através de práticas artísticas interligando as atividades de expressões (plástica, drama e música).

1.5. Organização do estudo

Esta parte do estudo são apresentados cinco capítulos essenciais. Sendo que no primeiro capítulo comporta o enquadramento do estudo que aborda os seguintes assuntos: problemática do estudo; questões de investigação; pertinência do estudo e a sua organização.

No segundo capítulo é tratado o enquadramento teórico, no que diz respeito aos pensamentos de vários autores, conceitos e teorias alusivos ao estudo. Neste ponto saliento os seguintes temas de estudo: A importância das expressões artísticas na educação pré-escolar; As interações sociais enquanto resultantes na participação do projeto; O papel do educador de infância no âmbito das interações sociais, e por fim, A ação motivacional da criança na participação de um projeto.

No terceiro capítulo trata a metodologia de investigação que delimita este estudo, onde é apresentado o método de investigação de projeto, os instrumentos de recolha de dados e as vantagens e desvantagens da sua aplicação, os procedimentos e, ainda as questões éticas.

No quarto capítulo faz referência à análise e tratamento dos dados.

No último e quinto capítulo faz uma sinopse às conclusões do estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo compreende o enquadramento teórico e conceptual do estudo onde consta uma análise cuidada face à literatura disponível sobre o mesmo.

As Conjeturas deste projeto tem por base uma observação empírica a um determinado contexto educativo onde foi diagnosticada a pertinência de desenvolver atividades de cariz lúdico, uma vez que se considera essencial a exploração do domínio dramático num contexto de jardim-de-infância.

Pretende-se proporcionar ao grupo em estudo atividades apropriadas a sua faixa etária bem como aos seus interesses, para isso sustentamo-nos em perspetivas e ideias de diferentes autores que defendem aspetos significantes neste estudo: a importância da expressão dramática na educação pré-escolar; as interações sociais como resultantes na participação do projeto; o papel do educador de infância no âmbito das interações sociais e, a ação motivacional da criança na participação de um projeto.

2.1. A importância das expressões artísticas na educação pré-escolar

No âmbito do pré-escolar as crianças estão predispostas a adquirir conhecimentos, ações e saberes numa constante e, de acordo com a perspetiva de Torres (2008), o domínio das expressões artísticas são uma forte fonte de descoberta através da qual a criança cresce e evolui. Estes domínios são um meio privilegiado visto que, permite o educador orientar o grupo e os pais num percurso onde os obstáculos não sejam meros percalços, mas sim oportunidades únicas de interação através de diferentes meios de expressão.

“A expressão dramática contribui para o desenvolvimento da capacidade de trabalho em grupo, ajudando a ultrapassar inibições e dificuldades de exposição, desenvolvendo a capacidade de concentração, observação e reflexão, ensinando a ver, ouvir e refletir”. (Torres, 2008, p. 29).

Como é referido nas OCEPE (1997,p.57),

“O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e conectando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de modo a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos.”

A citação acima transcrita desperta-nos para a vantagem de se usufruir dos diferentes domínios de expressão numa sala de atividades do pré-escolar, mais propriamente na área de conteúdo “formação pessoal e social” estão integradas todas as outras áreas “atravessando a área de Expressão e Comunicação com os seus diferentes domínios e a área de Conhecimento do Mundo que, também se articulam entre si.” (OCEPE, 1997, p.49).

Assim, existe uma interligação sobre a forma de como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, através de atitudes e valores “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia.” (OCEPE, 1997, p.43).

Segundo Reis (2005) o conceito de expressão “(...) designa o conjunto dos fenómenos que se produzem no corpo como resposta a estímulos externos e internos. A expressão é também uma atitude de comunicação, designando vários meios de que o ser humano se serve para comunicar” (p. 7-8).

A expressão dramática enquanto instrumento de desenvolvimento da criança subsiste numa: (...) atividade lúdica, que é própria e natural na criança, surgindo espontaneamente e através da qual ela pode, livremente, expressar os seus mais íntimos sentimentos, dar ampla vazão à sua imaginação criativa, desenvolver o seu raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento (Sousa, 2003, p. 31-32).

É importante referir que, a educação pré-escolar, exige um especial cuidado quanto à organização do espaço pedagógico, ou seja, cada vez mais é patente a ideia de que as salas de atividades devem organizar-se por divisões/ áreas. A propósito disto, Oliveira-Formosinho (2007) refere sob uma perspetiva de High Scope, onde é defendida a ideia de que, a sala de atividades não tem necessariamente que obedecer a uma organização exata,

uma vez que, é o “desenrolar do jogo educativo cotidiano que vai requerer a sua organização e reorganização” (Oliveira-Formosinho, 2007 p.67).

O decreto-lei 241/2001, sustenta que o educador é responsável por organizar o espaço e os materiais “concebendo-os como recurso para o desenvolvimento curricular” pois a essência de um educador é educar, propor e, estimular. Para isso, deverá usufruir da sala de atividades e dos materiais pedagógicos disponíveis para cativar e envolver o grupo num trabalho árduo pois na expressão dramática, por exemplo, é interessante observar a criatividade e imaginação das crianças aquando a exploração das diferentes áreas de uma sala de atividades.

Considerámos pertinente proporcionar à criança oportunidades para que esta seja capaz de gozar o seu imaginário e servir-se dele como forma de socialização pois, “fazer-de-conta e representar papéis tendem a ser atividades francamente sociais, e parecem ter um efeito positivo no desenvolvimento social e de linguagem da criança.” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 494). Deste modo, é igualmente relevante proporcionar à mesma espaços propícios a este tipo de brincadeiras/jogos, na medida em que, no ensino pré-escolar um determinado espaço quando “(...) bem equipado, dividido em áreas de interesse, providencia todo o tipo de materiais que as crianças poderão usar para as brincadeiras de representação de papéis e de faz-de-conta, e para fazerem os seus próprios adereços – bilhetes para a peça, máscaras, chapéus, uma cadeira de barbeiro, e por ai fora.” (Hohmann & Weikart, 2009, p. 495).

Ao desempenhar o jogo dramático existe um “...encadeamento de ações, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não-verbal” (OCEPE, 1997, p. 60).

Esta prática põe em ação o desenvolvimento da criança na sua totalidade, favorecendo, através de atividades lúdicas, o desenvolvimento de uma aprendizagem cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética.

Reconhecendo que uma criança não vive sem o jogo, sem o lúdico, e que a capacidade de brincar nasce connosco, facilmente percebemos que o ludismo nos é inerente, logo a

expressão dramática é um meio favorecido, autêntico e, um ponto de partida para novas descobertas. “A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação.” (Sousa,2003, p.33).

O autor supracitado, aponta como principal objetivo da educação a expressão, isto é, o estimular da criança para que seja capaz de expressar livre e espontaneamente, todos os seus sentimentos, desejos e vontades.

Enquanto joga, a criança consegue focar a sua atenção e concentração na ação que se encontra a realizar. Quando desperta ela envolve-se no jogo, conhece a realidade, a sua identidade, a sua forma de estar, de se situar, definindo o seu comportamento perante si mesmo e os outros, mas consegue brincar e entrar num outro eu. Segundo Sousa (2003) “na expressão dramática, a criança cria todo um seu mundo de ilusão, fundindo-se totalmente com a personagem a que brinca.” (p.35)

O mesmo autor rege-se pelos pensamentos de Chancerel que sobre a espontânea, gratuita e funcionalidade do jogo dramático, aponta-o como “um dos melhores instrumentos de formação e de educação da infância (...) O jogo dramático, fundamentalmente improvisação, constitui uma técnica educacional.” (Sousa, 2003, p.26)

No âmbito do domínio dramático, Marega & Sforini (2009) sustentam que:“A brincadeira da criança está próxima da realidade e é a forma de ela se inserir como sujeito da sociedade em que vive. Isso quer dizer que a atividade lúdica (com jogos de faz-de-conta) não deve ser esvaziada de conteúdo.” (p.9)

2.2. As interações sociais enquanto resultantes na participação do projeto.

No âmbito da educação pré-escolar apresenta-se como um forte ponto de partida para estabelecer desde cedo a união entre pais e filhos, em projetos que envolvam ambos num determinado período de tempo, num determinado contexto.

“A escola precisa por um lado de ter um papel ativo, promover as relações com as famílias, aproveitar e valorizar os saberes familiares, na sua totalidade, e por outro lado considerar a diversidade cultural, as atitudes, os comportamentos e os estilos de vida, como valores positivos, a manter,

a conhecer e a valorizar, devendo por isso assumir uma cultura de cidadania, a promoção da partilha e a diversidade familiar, social e cultural.” (Torre, 2007,p.16).

De acordo com o autor pronunciado, reconhecemos um leque de vantagens de que um projeto poderá beneficiar ao abranger o envolvimento parental. Em contexto escolar, está claro que este fator favorece esta relação de proximidade entre pais e filhos, especialmente quando são desenvolvidas ações que fazem deste encontro, um encontro, proveitoso para ambos.

A importância da interação entre os familiares e as crianças do ensino pré-escolar é referenciada nas OCEPE (1997), que nos realça a “educação pré- escolar é complementar da ação educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias” (p.22).

Vasconcelos (2007) sustenta que, “O jardim-de-infância respeita e integra, de modo cocriador, os valores que a criança traz da família. Não se trata de uma reprodução passiva, mas de reconstrução desses mesmos valores à luz de uma experiência de vida comunitária” (p.12).

Silva (1997) sustenta que “na educação pré-escolar o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de relação entre adultos e crianças e entre crianças que constitui a base do processo educativo” (p. 34). Deste modo, é necessário e útil harmonizar às crianças momentos de diferentes interações, nomeadamente, entre as crianças e entre as crianças e os adultos para que todos se insiram no grupo, à parte do género, faixa etária, cultura, origem e características de cada interveniente, pretendendo-se assim favorecer a aprendizagem mutua e a convivência democrática.

Segundo Oliveira-Formosinho, que se baseia nas potencialidades do currículo High Scope, o desenvolvimento da criança quanto à partilha do poder, salientando-se o papel do adulto preconizado por este modelo, situa-se em “diversificadas partilhas: partilha do espaço e dos objetos; de situações e decisões; de ideias e de afetos; de problemas e de soluções; de conflitos e resoluções; de bens e de restrições” (Oliveira-Formosinho, 2005, p. 62).

As OCEPE dispõem aos pais a possibilidade de ter uma nova visão sobre o seu papel na escola, designando-os e colocando-os como co- construtores do projeto educativo. Este precioso e orientador documento, emprega os pais/familiares como atores protagonistas e sociais, com papel crucial no dia-a-dia das escolas, na medida em que, estes participam em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo.

“Assim, a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.” (Ministério da Educação, 1997,p.45).

Importa refletir que, a colaboração, participação, interesse e acompanhamento da família nesta etapa da educação da criança, deve ser encarada também como um meio de esclarecimento e de compreensão do trabalho educativo que se realiza na educação pré-escolar. Quanto maior for o envolvimento e a ação dos pais, maior será a dedicação e o querer fazer cada vez mais e melhor por parte do educador e, conseqüentemente maior será o aproveitamento e a evolução do educando.

“A importância da participação dos pais e suas potencialidades para a educação das crianças e para a formação dos adultos pressupõe que o educador [...] encontre as melhores formas de motivar a participação dos pais tendo em conta que as crianças são as mediadoras dessa relação. É por causa delas, e tendo vista a sua educação, que estas relações tem sentido, embora contribuam também para o desenvolvimento dos adultos” (Ministério da Educação,1997,p.46)

2.3. O papel do educador de infância no âmbito das interações sociais

A prática pedagógica dos educadores da educação pré-escolar exige que estes se ajustem às necessidades das interações sociais das crianças.

“O educador, enquanto agente de desenvolvimento pessoal e interpessoal, deve ter em conta as exigências e a importância da sua prática pedagógica, realizando uma planificação adequada ao desenvolvimento do processo de ensino e à aprendizagem das crianças.” (Serrão e Carvalho, 2011, p.6)

Formozinho , Andrade, e Formozinho (2011) defendem que “(...) as educadoras precisam de resistir, persistir, agir a favor de um currículo que integre o trabalho e o jogo, o brincar e o aprender e que deixe às crianças tempo para o sonho, a imaginação, a transgressão...” (p. 48).

Enquanto mediador do processo educativo o educador, deve fomentar o diálogo proporcionando a partilha de experiências, criando um ambiente facilitador das expressões, sentimentos e emoções. “Educar supõe dar segurança, afeto, transmitir valores, saber pôr limites e dizer «não», mandar e proibir” (Urta, 2010, p.123).

Ao abordarmos o papel do educador de infância perante as interações sociais das crianças do âmbito pré-escolar importa perceber que, a aprendizagem e a mudança são fatores que podem ocorrer na descoberta de uma forma diferente de estar no mundo e de o perfeccionarmos que o desenvolvimento estético e o desenvolvimento pessoal deverão estar próximos (Raposo, 2004).

Segundo Oliveira-Formosinho (2007), quando um educador/orientador delineia o percurso que pretende levar o seu grupo, este deve-se reger por princípios pedagógicos através dos quais apoia a sua ação pedagógica que se deverá enquadrar numa pedagogia de participação. Deste modo, é indiscutível admitir “que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem e supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo” (Silva, 1997, p. 19).

É, portanto, pertinente o educador ter presente dois conceitos: pedagogia de participação e pedagogia de transmissão. Nestes dois modos de fazer pedagogia, fazem parte os objetivos, os conteúdos, os métodos, os materiais, os processos de aprendizagem, as etapas de aprendizagem, a avaliação, a motivação, o papel da criança e do educador, as interações e a organização do grupo. (Formosinho, 2007).

Neste sentido se constrói o processo reflexivo de observar, planejar, agir e avaliar que visam ajustar a prática do educador às necessidades das crianças (Decreto-lei nº 241/2001).

A ação do educador orienta-se sobre a intencionalidade educativa, isto é, a razão pela qual educamos. Nela é decorrente um processo reflexivo que envolve a observação, que

Vasconcelos (1997) define como ação de “basilar para o planeamento e avaliação que serve de suporte à intencionalidade do processo educativo” (p. 29).

É importante, ter assente a ideia de que a observação é imprescindível numa análise das necessidades e interesses das crianças, da situação, do ambiente educativo e das prioridades para uma futura intervenção. Deste modo, Trindade (2007), refere que observação é

”Um processo de recolha de informação, através do qual podemos aprender sobre o nosso comportamento e o dos outros. Realiza-se de acordo com normas pré-definidas e definições operacionais, na tentativa de obter resultados objetivos, isto é, que não variem de observador para observador”. (p.43)

Estrela (1994), vai mais longe e, aponta o ato de observar como sendo uma etapa necessária e insuperável, para uma intervenção pedagógica fundamentada, que é exigida pela prática do dia-a-dia.

O processo de ensino/aprendizagem depende da adequação das estratégias do docente (Roldão, 2010), pois no decorrer da elaboração das planificações, o educador reflete acerca das estratégias que melhor se enquadram aos objetivos para que melhor se dê resposta às necessidades e evoluções do seu público-alvo, as crianças. Todavia, é importante que as opções didáticas e pedagógicas estejam direcionadas e apropriadas ao grupo de crianças, para que se promova a igualdade de oportunidades.

Ao exercer o seu papel como educador nas interações sociais da criança, o educador deve ter uma “(...) uma visão da criança como um ser competente e capaz, como um investigador nato, motivado para a pesquisa e para a resolução de problemas.” (Vasconcelos, 1998, p. 133).

2.4.A ação motivacional da criança na participação de um projeto

Hohmann & Weikart (1997) defendem que, a aprendizagem ativa provém da iniciativa pessoal em que as crianças, espontaneamente, desejam, intencionam e tomam a iniciativa

de explorar, o que lhes suscita a curiosidade, colocando questões, procurando respostas, resolvendo problemas e adotando estratégias úteis às crianças.

É importante termos a percepção de que, as crianças necessitam de espaço e tempo para explorar e manusear os objetos e os materiais, para que estas ganhem a capacidade de criar e de chegar à solução de problemas. Estas precisam então de espaços para expor as suas obras de arte, os seus trabalhos e, igualmente um espaço para os adultos se juntarem com elas apoiando-as e fazendo críticas construtivas aos mais pequeninos.

O ambiente educacional é um fator fundamental na importância de se propiciar às crianças experiências enriquecedoras que possam favorecer o desenvolvimento das suas possibilidades e que as motive para uma integração e participação de uma tarefa ou estudo.

Nesta perspectiva Hohman & Weikart (2009), sustentam que “num contexto de aprendizagem ativa as crianças necessitam de espaços que sejam planeados e equipados para que essa aprendizagem seja efetuada.” (p.161) Como referido por, (Harlen e Qualter, 2006,p.64) “um ambiente informal de questionamento, onde a criança se sente envolvida num ambiente de discussão que a ajuda a perceber o que está a realizar.”

Serrão e Carvalho (2011) refere que cabe ao educador:

“Envolver as crianças nas atividades, procurando compreender o que é que realmente as mobiliza, que questões é que se lhes levantam, o que é que é realmente importante para elas, que sentidos dão às atividades. Este papel em que o adulto, em conjunto com a criança, cria uma zona de desenvolvimento próximo, e garante aprendizagens, requer a mais alta competência do educador” (p. 65).

Quando a criança está perante um projeto deverá existir sempre algo que a motive, que a leve a envolver-se e a ter vontade de participar. Pode ser um tema, um material, um jogo, uma cor, um espaço, um momento mas, não podemos esquecer

“A construção da autonomia intelectual da criança. Isto é verdade para a sua filosofia educacional, para a sua conceção de espaço e materiais, (...) rotina diária e experiências chave, para a sua conceção do papel do adulto e, (...) para o seu triângulo: observação, planificação, avaliação” (Formosinho, 2007, p.64).

No caso do jogo dramático este cativa a criança através dos recursos materiais e estratégias que a possibilitam de explorar, como é o caso da “utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc...” (OCEPE, 1997, p.60).

Spodek e Brown (2002) defendem que “a força mais motivadora, tanto para crianças como para os adultos, é o prazer. É importante que a aprendizagem se faça de uma forma divertida e que as crianças façam as coisas de que gostam.” (p.187)

Segundo as OCEPE (1997),

“A ação do educador facilita a emergência de outras situações de expressão e comunicação que incluem diferentes formas de mimar e dramatizar vivências e experiências das crianças. Através do corpo/voz podem exprimir-se situações da vida quotidiana – levantar-se, vestir-se, viajar; movimentos – vento, crescer; sentimentos ou atitudes – estar triste, alegre, cansado...” (p. 60).

Segundo Aguilar (2001),

“ A expressão dramática é uma forma de expressão e comunicação em que o indivíduo age em vez de dizer o que pensa, o que critica, ou o que o magoa. Mostra-o em atos, na fogueira da ação e na primeira pessoa”. (p.30).

As atividades dramáticas promovem a naturalidade e veracidade nas crianças. Esta ideia é fortalecida por Antunes (2005, p.24), “a Expressão Dramática tem como âmbito de intervenção as atividades criativas espontâneas, sendo o ponto de partida a improvisação, pela exploração da espontaneidade e da imaginação que, no caso das crianças, caracterizam os seus jogos e/ou brincadeiras”.

Vigotsky (1998), refere que muitos profissionais de educação encaram o teatro como a preparação de textos clássicos e apresentação aberta ao público. O autor percebe no processo de criação do teatro a virtual para a aprendizagem infantil, que além de ser o principal expoente para a criatividade da criança por se tratar de uma linguagem comum a todos, na sua elaboração para a criação de uma peça teatral temos que criar também o texto, o cenário, a música, os gestos e tudo que daí advém. E aí reside a aprendizagem,

tanto no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos conhecimentos na área como da criatividade/motivação perante um projeto desta dimensão.

Como refere Gordon (2000), “quanto mais cedo uma criança pequena se iniciar na aculturação musical, melhor. Em particular, é importante que isso aconteça antes que o desenvolvimento da sua linguagem se torne tão envolvente que faça com que a música pareça de importância secundária” (p. 43).

Posto isso a “(...) prática de jogos, exercícios e técnicas teatrais, procura estimular a discussão e a problematização de questões do quotidiano, com o objetivo de fornecer uma maior reflexão das relações de poder, através da exploração de histórias entre opressor e oprimido”, (Boal, 2005 p. 5).

Na conferência mundial sobre educação artística defendem

“A dramatização e o teatro podem ser ferramentas úteis para se compreender a complexidade de certas situações: as crianças não devem ser educadas com a interdição absoluta de pensar ou fazer isto ou aquilo, mas devem antes ser colocadas em situações em que pura e simplesmente lhes seja permitido ir por diante com o seu erro e acabar por perceber isso mesmo.” Comissão Nacional da UNESCO, 2007.

Eça (2008), sugere que as escolas sejam lugares de compreensão, de produção e criação através de projetos transdisciplinares.

Na perspetiva de Pacheco (1981),” a escola, ao debruçar-se sobre as tradições locais deve, considerá-las na sua real função: serem a base natural da descoberta, sem se oporem ao espírito de inovação cultural. A política social das comunidades encarrega-se de estabelecer uma unidade dialética dos polos tradição-renovação. Assim, se o reconhecimento das tradições é uma condição essencial à ação educacional e ao progresso cultural, tal reconhecimento tem de assumir também a capacidade para as analisar criticamente, ultrapassá-las naquilo que tiverem de negativo (não é a manutenção de todas as tradições populares que serve efetivamente a melhoria da vida das populações, como certo espírito populista poderá defender), de romper a inércia que, a partir dela, se pode estabelecer. Isto é: rejeitando coerentemente aquilo que as tradições contiverem de caduco.” (p. 19-20)

3. METODOLOGIA ADOTADA

Este capítulo contempla a justificação das conjeturas metodológicas onde este estudo se sustenta, aqui apresentamos a justificação da nossa escolha, a descrição e as vantagens/desvantagens do método de investigação adotado durante todo o projeto. Desta forma, especificámos os instrumentos de recolha de dados, bem como as vantagens e desvantagens dos mesmos e, ainda o plano de ação que apresenta as questões éticas da mesma.

A metodologia adotada neste estudo teve como ponto de partida as necessidades e os saberes do contexto escolar que investigo: existir uma carência ao nível das expressões artísticas onde através do jogo a criança desenvolve novos conhecimentos e saberes. Desta forma, foram planificadas ações com o intuito de satisfazer esta necessidade e para isso estimulámos as crianças a participar e recriar atividades de cariz lúdico, pois não devemos “menosprezar o caráter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.” (OCEPE, 1997, p.18).

3.1. Seleção da metodologia de investigação

Após uma pesquisa aprofundada a diversos manuais que abordam a metodologia de investigação, descobrimos diferentes explicações e dignificados sobre o conceito de metodologia. Contudo, em todas as definições encontradas subsiste a ideia de que num metodologia deve estar a existência de todo um processo que coopera com a mudança.

Vasconcelos (1998, p. 133) defende que “a pedagogia de projeto pressupõe uma visão da criança como um ser competente e capaz, como um investigador nato, motivado para a pesquisa e para a resolução de problemas.” Neste sentido, o decorrer deste estudo teve patente a importância de serem as crianças os protagonistas desta investigação e, como tal

recorremos sempre que possível as suas opiniões e necessidades, agindo segundo o interesse das mesmas.

Por outras palavras a metodologia é precisamente uma ação na qual uma determinada realidade representa um todo, uma intenção, um objetivo, um conceito, segundo o qual se desenvolverá a investigação.

Esta investigação rege-se segundo a metodologia de trabalho de projeto, que é visto como um potenciador de aprendizagens interdisciplinares tendo em conta que a atividade exercida se enquadra na atividade pedagógica.

O conceito de projeto é amplo e vasto mas, etimologicamente esta conceção traduz-se num plano de ação para a realização de um ato, ou seja, é todo o percurso realizado para atingir um determinado fim.

No contexto educativo em questão, um projeto pode ser entendido como uma prática de valor educativo que contenha um ou mais objetivos, numa perspetiva de Vasconcelos (1998) “projeto é a imagem de uma situação ou estágio que se pretende atingir” (p. 132). Este remetem para a realização de uma pesquisa, para a resolução de possíveis problemas e, efetivamente para uma produção evolutiva no grupo em estudo.

As atividades de um projeto devem ser planificadas e orientadas em comum acordo entre o grupo de crianças e os educadores/orientadores, devendo ser realizadas num contexto concreto e real (Brederode Santos, 2009). Bruner (2002) defende também que o trabalho das crianças deveria unificar-se no desenvolvimento de conceitos a partir das estruturas das disciplinas, através de uma metodologia de pesquisa comparativa.

Desta forma, entende-se que a metodologia de trabalho de projeto deve assumir-se numa unidade base da pedagogia, seguindo um ato intencional, sendo que este parte da ação onde alguém enfrenta uma situação e reage a mesma de forma planeada Gâmbôa (2010).

De acordo com os pensamentos de Brederode Santos (2009) “o trabalho de projeto promove aprendizagens portadoras de significado, globais e integradas, de diferentes dimensões: cognitiva, social e metacognitiva” (p. 28-29), o que nos remete para as vantagens de se recorrer ao trabalho de projeto.

Seguindo a mesma linha de análise, Vasconcelos (1998) sustenta

“Em pedagogia de projeto, o currículo está centrado na criança, no adulto e no contexto. Integra a criança, na sua rede de interações, as quais incluem a família, mas também o educador e o seu contexto, numa perspetiva integradora. Inclui também a multiplicidade dos níveis a que se processa o desenvolvimento da criança.” (p. 134).

Com isto, entendemos que a pedagogia do projeto visa integrar a criança ao nível de diferentes interações, pois através disto elas desenvolvem-se e obtêm novos conhecimentos.

Katz & Chard (1997) defendem que “No trabalho de projeto, as crianças são incentivadas a avaliar o seu próprio progresso na aplicação de capacidades, a controlar a sua atividade e a selecionar tarefas que elas próprias possam orientar. As crianças tornam-se especialistas da sua própria aprendizagem” (p,54). Neste sentido, os autores supracitados defendem que os educadores/orientadores devem dar

“sugestões, mas as crianças podem ser autorizadas a recusá-las e a julgar por elas próprias. Um juízo deficiente pode ser ocasião para ensiná-las. Por exemplo, o professor e a criança podem analisar formas de minimizar erros no futuro. Mas se alguns erros passarem despercebidos, não são críticos para o estágio seguinte, como pode ser o caso da passagem de uma sequência rigorosamente gradativa de tarefas académicas” (p.27).

Tendo por base tudo isto, considerámos que a metodologia de trabalho é a que mais se enquadra no desenvolvimento do estudo em que a questão de investigação, visto que este método de investigação possui de características flexíveis cujo principal objetivo é realizar uma reflexão acerca da ação efetuada. Isto permite ao investigador uma análise específica de que há a melhorar.

3.2. Participantes do estudo

Este estudo desenvolveu-se num grupo de crianças de uma sala de jardim-de-infância de Viana do Castelo, que pertence ao agrupamento Vertical de Escolas da Abelheira.

A organização no contexto educativo diz respeito “às condições de interação entre os diferentes intervenientes – entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos – e à

gestão de recursos humanos e materiais que implica a prospeção de meios para melhorar as funções educativas da instituição” (OCEPE, 1997, p.31)

O grupo de participantes deste estudo é constituído por vinte e três crianças, com idades compreendidas entre os três e quatro anos, tratando-se assim de um grupo heterogéneo. Na tabela 1 apresenta-se os dados referentes a estes participantes quanto ao género e às idades.

Tabela 1: Participantes do estudo

<i>Idade</i>	<i>Género</i>	<i>Código das crianças</i>	<i>Nº de crianças</i>	<i>Total</i>
<i>3 anos</i>	Feminino	BM;BA;CL;ER;FA;HE;SA.	7	13
	Masculino	DI;FR;GG;PE;MR; SI.	6	
<i>4 anos</i>	Feminino	LA.	1	10
	Masculino	FE;GB;JP;JO;JR;LO;MA;TS;TG.	9	
<i>Total</i>				23

Partindo da informação acima organizada constatamos que o género predominante neste grupo é o género masculino como o número total de quinze meninos onde comparativamente, com o género feminino, onde existem oito meninas, se averigua um número significativo de diferença. A nível da faixa etária temos treze crianças com três anos de idade e dez crianças com quatro anos de idade.

Relativamente, aos códigos das crianças existentes nesta tabela estes foram realizados com o intuito de garantir o anonimato dos participantes, a sua construção está devidamente explícita no parâmetro das questões éticas face a esta investigação.

Todo o grupo de crianças participou ativamente neste projeto, de modo a podermos afirmar que este é um grupo participativo que revela interesse, empenho e motivação nas tarefas que lhes são desafiadas.

Por fim, este projeto contou com a participação e dedicação do meu par pedagógico, da educadora cooperante, da auxiliar de ação educativa e, dos pais e restante comunidade familiar dos participantes.

3.3. Instrumentos de recolha de dados

Para que este estudo fosse convenientemente analisado foi empíricos os diferentes instrumentos de recolha de dados. Pois só assim podemos analisar as particularidades que cada instrumento nos incorpora. Os instrumentos utilizados foram designadamente: notas de campo, registos audiovisuais (filmagens, fotos e gravações de voz), grelhas de observação, recolha de opiniões da comunidade educativa.

Uma das principais vantagens deste método é que o processo é contínuo, desenvolvendo-se passo a passo num período seguido (ano letivo), possibilitando a reflexão na e sobre a ação, que neste estudo se contextualizam na sala das atividades bem como o envolvimento parental.

3.3.1. Grelhas de observação

A observação é assim uma etapa necessária para uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana (Estrela, 1994)

De acordo com as OCEPE (ME,1997), a intencionalidade do processo educativo pressupõe observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. Neste sentido, é necessário o educador, observar e problematizar para intervir e avaliar, desenvolvendo uma atitude experimental concedida através da investigação, que lhe permite integrar os resultados da mesma, tal como refere Estrela (1994).

Segundo Máximo-Esteves (2008) observar é selecionar a informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.

As grelhas de observação são instrumentos fundamentais para a análise de dados recolhidos ao longo do crescimento do projeto.

3.3.2. Registo audiovisuais

Como instrumento de recolha de dados usufruímos dos registos audiovisuais que possibilitam ao investigador ter uma noção mais pormenorizada das atividades desenvolvidas pelas crianças e posteriores visualizações e recolha de dados.

Todos os instrumentos tem mais-valias e desvantagens, uma desvantagem do registo de audiovisual é a flexibilidade de manusear a camara de filmar, apanhar cada momento de cada criança, aproximar para um movimento ou até trabalho que estão a fazer individual, só nos permite ter uma captação geral do grupo. Este recurso pode ainda intimidar alguns membros do grupo em análise, fazendo que se inibem durante uma determinada ação ou que tomem comportamentos que não os reais/comuns.

As mais-valias deste instrumento deve-se ao facto de captar todo os momentos, gestos, expressões, atitudes e comportamentos de todos os intervenientes.

Segundo o ponto de vista de Moura (2003) isso permite ao investigador recordar e perceber o contexto e o ambiente de uma certa ação.

O uso da fotografia e do vídeo para registar estes factos que referi anteriormente foi pertinente para o estudo. Este instrumento teve a permissão dos pais e encarregados de educação, pois esta recolha é para fins de investigar o grupo.

Segundo Coutinho (2008) “os meios audiovisuais são técnicas usadas pelos professores nas suas práticas de investigação e que se destinam a registar informação selecionada previamente” (p.28).

3.3.3. Notas de campo

Neste estudo as notas de campo foram indispensáveis como instrumentos de recolha de dados, pois através das notas de campo consegui capturar os momentos que por vezes não nos parece importante, uma conversa no recreio, um comentário de um pai, uma brincadeira sobre o projeto. São estes momentos inesperados que se consegue ter a perceção do impacto do projeto.

Bogdan & Biklen (1994) descrevem as notas de campo como sendo relatos escritos que o investigador regista, sobre as situações observadas, escutadas e o que reflete ao mesmo tempo, sobre os dados qualitativos identificados no processo de recolha. Neste sentido defendem dois tipos de notas de campo: o descritivo, que consiste na captação de imagem “por palavras, pessoas, ações e conversas” do local no ambiente real. Engloba o “relato dos sujeitos, a reconstrução do diálogo, a descrição do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares e o comportamento do investigador” (p.164) e o reflexivo, que é a parte mais indireta de todo o processo porque o investigador possui o seu ponto de vista, as suas ideias, sentimentos, problemas, impressões e preconceitos, esta fase engloba os seguintes aspetos; a “reflexão sobre a análise, sobre o método, sobre os dilemas e conflitos éticos, sobre o ponto de vista do investigador e pontos de clarificação” (p.166).

Assim com este instrumento permite ao investigador ter a capacidade de refletir e registar essas ideias no decorrer do projeto.

3.4. Plano de ação

O plano de ação consiste na organização e distribuição de tarefas que se desenrolaram no segundo semestre do ano letivo 2014/2015.

Assim demos início a problemática do estudo no mês de fevereiro, problemática esta já anteriormente notada com a observação e contacto com o grupo na PES I, com isto, traçou-se a questão de investigação e os objetivos a alcançar com este projeto.

Este estudo teve continuidade até o fim do mês de junho, com as conclusões do estudo de investigação. Assim apresentamos a tarefa 2.

Tabela 2: Plano de ação

	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Revisão da literatura	■	■	■		
Recolha de dados	■	■	■	■	
Descrição das atividades	■				
1ª Atividade	■				
2ª Atividade		■			
3ª Atividade		■	■		
4ª Atividade			■		
5ª Atividade			■	■	
6ª Atividade				■	
7ª Atividade				■	
8ª Atividade				■	
9ª Atividade					■
Metodologia			■	■	
Análise de dados				■	■
Conclusões					■

3.5. Atividades de investigação

As atividades a executar tem como principal objetivo dar resposta à questão de investigação deste estudo. De seguida são apresentadas todas as tarefas postas em prática com o grupo, sendo apresentada uma síntese de cada atividade e enumerados os objetivos e os recursos materiais. As atividades realizadas intitulam-se: “Vamos conhecer o Cuquedo!”; “Os animais da história”; “Que animal queres dramatizar?”; “A orquestra do Cuquedo”; “Descoberta de talentos”; “Sei contar a história - O Cuquedo”; “Mãos à obra”; “Alto lá, estão todos convidados”; “Viagem à selva”.

3.5.1. “Vamos conhecer o Cuquedo!”

3.5.1.1. Exploração da história “O Cuquedo”

3.5.1.2. Registo do Cuquedo segundo a 1ª perspetiva das crianças

3.5.1.3. Registo do Cuquedo depois de o conhecerem.

Conteúdo: Linguagem; desenho.

Objetivos:

- Desenvolver a compreensão de discursos orais;
- Produzir pequenas produções plásticas a partir das suas previsões;
- Confrontar a produção plástica realizada com a realidade transmitida pela história.

Avaliação:

- ✓ Escuta e compreende a história;
- ✓ Transmite uma ideia através de um desenho;
- ✓ Identifica as características do Cuquedo.

- ✓ Revela entusiasmo em descobrir quem é o Cuquedo

Materiais:

- Instrumental música de fundo Música “The Lions leeps tonight”
- Livro “O Cuquedo” de Clara Cunha
- Folha de registo “Como será o Cuquedo?”
- Folha de registo “ Já conheço o Cuquedo!”

Síntese:

A estagiária partilhou com o grupo o conto “O Cuquedo” de Clara Cunha, esta exploração foi realizada através de um livro e acompanhada do instrumental “The Lions leeps tonight”. Ao longo da leitura foram colocadas algumas questões ao grupo de modo a percecionar a sua atenção na história.

Posteriormente, o grupo foi desafiado a realizar os registos, um deles consistia em desenharem a personagem principal através do que eles percecionavam que ele seria e, num outro registo deveriam ilustra esta personagem com base em toda a informação textual e visual que lhes foi transmitida.

3.5.2. “Os animais da história”

3.5.2.1. Sequência dos animais da história

3.5.2.2. Livro gigante do Cuquedo

3.5.2.3. Diferenciar animais domésticos e selvagens

Conteúdo: Jogo simbólico

Objetivos:

- Relatar acontecimentos numa narrativa através das ilustrações;

- Desenvolver noções temporais;
- Utilizar números ordinais.

Avaliação:

- ✓ Descreve passagens de uma narrativa com base nas suas ilustrações;
- ✓ Tem noção temporal;
- ✓ Sabe e utiliza os números ordinais

Materiais:

- Cinco imagens dos animais da história;
- Fantoques com os animais da história.

Síntese:

Esta atividade consiste em organizar as imagens de acordo com a sequência da história de modo a verificar se as crianças compreenderam e captaram a ordem de entrada das personagens na ação da história. Desta forma, colocamos em cima da mesa de atividades uma imagem de cada uma das diferentes personagens da história, dando oportunidade ao grupo de as manipular e ordenar segundo o critério de entrada e saída das personagens na história.

Posteriormente, foi necessário explicar ao grupo a diferença entre animais selvagens e animais domésticos, e como tal as crianças foram desafiadas a realizar um registo sobre esta temática.

3.5.3. “Que animal queres dramatizar?”

3.5.3.1. Gráfico da escolha do animal para a dramatização

3.5.3.2. Registo do animal que escolheram para representar

3.5.3.3. Ida ao teatro municipal

Conteúdo: Jogo simbólico

Objetivos:

- Selecionar a escolha das personagens;
- Contactar com a dramatização e teatro.

Avaliação:

- ✓ A motivação pela participação no espetáculo num contexto formal (Teatro Municipal Sá Miranda)
- ✓ Mostram-se entusiasmadas com a ida ao teatro.

Materiais:

- Gráfico com imagens de animais da história;
- Molas com o nome das crianças.

Síntese:

O grupo foi questionado sobre qual o animal da selva que gostam mais e foram desafiados a ilustrá-lo. De seguida, individualmente cada criança marcou no gráfico referente a este registo, as suas preferências.

Na sequência de uma conversa sobre o teatro verificámos que a maior parte do grupo desconhecia este espaço e decidimos convidar as crianças a assistirem a uma peça de teatro no Teatro Municipal de Viana do Castelo.

3.5.4. “A orquestra do Cuquedo”

3.5.4.1. *Exploração da canção com o pictograma e coreografia*

Conteúdo: Marcar pulsação

Objetivos:

- Memorizar a letra da música em conjunto com a melodia;
- Utilizar a voz segundo diversas expressividades;
- Marcar a pulsação com sons corporais e instrumentais.

Avaliação:

- ✓ Memorizar a letra da canção;
- ✓ Canta com diferentes expressividades;
- ✓ Sabe marcar a pulsação.

Materiais:

- Pictograma
- Imagens

Síntese:

A estagiária desafiou as crianças a cantarem a canção do Cuquedo. Para isso disponibilizou-lhes um pictograma com a letra da canção, de modo a facilitar a leitura da mesma.

A canção foi explorada frase a frase e com diferentes expressividades e sonoridades. A canção foi cantada pelas crianças na sua totalidade e com a marcação da pulsação de batimento com as mãos nas pernas, para uma melhor aquisição da letra da música. As crianças acompanham o cântico com o instrumental da música.

3.5.5. “Descoberta de talentos”

3.5.5.1. Ensaio da dramatização para a preparação pública

Conteúdo: Jogo dramático

Objetivos:

- Preparação para a dramatização

Avaliação:

- ✓ Sabe lidar com o outro em atividades de faz de conta;
- ✓ Utiliza o corpo e a voz para se exprimir;
- ✓ Interioriza a personagem.

Materiais:

- Imagens dos animais;
- Máscaras;
- Colares de identificação.

Síntese:

As crianças foram convidadas a realizar um ensaio da dramatização da história do Cuquedo. Antes de se iniciar a referida atividade, a estagiária entregou a cada criança um colar de identificação de modo a que a mesma se possa orientar para a organização das crianças no espaço. Posto isto, a estagiária começa por pedir às crianças que se coloquem na posição correta – sequência dos animais (animais estes anteriormente escolhidos por eles). Seguidamente, releu as passagens da história dando especial destaque aos movimentos e ações (andar de lá para cá e de cá para lá, em grupos) que cada criança deverá concretizar, na sua vez, respeitando a sequência dos animais. Pretendia-se que estes movimentos fossem executados tendo em conta o modo de locomoção do animal correspondente.

3.5.6. “Sei contar a história – O Cuquedo”

3.5.6.1. *Criação da história áudio - gravação das vozes das crianças*

Conteúdo: Identificação das vozes

Objetivos:

➤ Executar o registo áudio das vozes da história.

Avaliação:

✓ Verificar se os registos foram feitos corretamente para ser apresentados a público.

Materiais:

- Gravador de voz;
- Livro da história.

Síntese:

A estagiária explica ao grupo que para melhor se ouvirem as vozes no momento da apresentação, se deveria gravá-las o contar a história. Assim foi realizada esta gravação com o objetivo de improvisar possíveis problemas acústicos.

Esta atividade foi realizada em pequenos grupos e promoveu a participação de todas as crianças na peça de teatro.

3.5.7. “Mãos à obra”

3.5.7.1. *Elaboração das cabeças e fatos*

Conteúdo: Apreciação estética, colar, pintar e cortar.

Objetivos:

- Contribuírem na construção dos adereços para a peça;
- Tornar os pais cúmplices da ação.

Avaliação:

- ✓ Participa na construção dos acessórios usufruindo de diferentes materiais;
- ✓ Associa diferentes adereços às personagens;
- ✓ Constrói diferentes adereços para as respetivas personagens.

Matérias:

- Esponja;
- Cola;
- Marcadores;
- Tesouras;

Síntese:

Esta atividade promoveu a participação e o contributo dos pais, na construção das referidas máscaras. As mesmas foram construídas em esponja onde se desenharam os moldes das máscaras a utilizar.

Posteriormente, as máscaras serão recortadas e coloridas, respeitando as cores dos animais trabalhados. Enquanto alguns pais terão à sua responsabilidade a construção das máscaras, outros serão responsáveis por confeccionar os fatos das personagens.

3.5.8. “Alto lá, estão todos convidados”

3.5.8.1. Elaboração dos convites para os familiares

Conteúdo: Colagem, recorte, sopro e carimbagem.

Objetivos:

- Construir os convites com recurso das técnicas: recorte, carimbagem e colagem.

Avaliação:

- ✓ O sentido crítico relativo ao produto final do convite

Materiais:

- Lã preta;
- Cartão;
- Tesoura;
- Cartolinas;
- Papel eva.

Síntese:

A estagiária desafiou o grupo a elaborar um convite para os pais e familiares para o espetáculo “O Cuquedo”. Esta tarefa consiste em carimbar vários animais da selva em torno do convite, formando assim uma moldura. As crianças terão então que decorar o envelope do convite executando a técnica do sopro de tinta.

3.5.9. “Viagem à selva”

3.5.9.1. Apresentação final do projeto

Conteúdo: Jogo dramático

Objetivos:

- Apresentar publicamente a história e música do Cuquedo;

Avaliação:

- ✓ Apresenta publicamente a dramatização da história;

Materiais:

- Fatos em tecido pintados
- Cabeças em esponja dos animais

Síntese:

As crianças vão demonstra à comunidade educativa (pais/familiares e jardim de infância) a dramatização e a música da história do Cuquedo. As crianças estarão vestidas com fatos produzidos em tecido e apresentar-se-ão com máscaras feitas em esponja, e pinturas facial representando cada animal.

3.6. Questões éticas

“O princípio da responsabilidade ética e a garantia da salvaguarda dos seus direitos, interesses e sensibilidades são quesitos morais que requerem tanto mais a interpelação da consciência do investigador, quanto menor é a capacidade defensiva que as crianças têm” (Máximo, 2008, p. 107). Assim, todas as recolhas de dados necessitaram de respeito pelos interesses destas crianças, onde estes serão unicamente para fins do presente estudo.

Para proceder à recolha de dados através dos diferentes instrumentos, foi realizado um pedido de autorização aos encarregados de educação, para recolha de imagens e filmagens das crianças.

Para preservar a integridade da criança, foram codificados os diferentes participantes para se protegem a identificação dos seus nomes próprios.

Tal como afirma Tuckman (2000), o investigador precisa de ter em conta os seguintes princípios que antecedem qualquer investigação: preservar a integridade física, mental e moral dos participantes; comprometer-se a confidenciar os resultados obtidos e seguir aos princípios deontológicos da investigação na área científica em que o investigador atua.

4. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Atividade: “Vamos conhecer o Cuquedo”

A atividade “Vamos conhecer o Cuquedo!” foi subdividida em três subatividades, implementadas em diferentes fases do projeto, sendo elas:

- ❖ Exploração da história “O Cuquedo”
- ❖ Registo do Cuquedo segundo a primeira perspetiva das crianças (desenho)
- ❖ Registo do Cuquedo depois de o conhecerem.

Exploração da primeira subatividade: Exploração da história “O Cuquedo”

A presente atividade foi implementada no dia 23 de fevereiro de 2015. Ao início da manhã, aquando da entrada das crianças na sala de atividades, estava a ser reproduzida uma música de fundo: “The lion sleeps tonight”, o que captou a atenção das mesmas. À medida que se iam dirigindo para os seus lugares, as crianças demonstraram curiosidade tendo verbalizado:

LO: “O que se passa?”

GB: “Uau, o que vai acontecer?”

Através destes comentários constatámos o entusiasmo do grupo perante a atividade realizada.

Posto isto, depois de um primeiro impacto, a estagiária questionou as crianças sobre se conheciam a música de fundo, ou se já a tinham ouvido. Algumas crianças referiram já ter ouvido mas não se lembravam onde.



Figura 6. Decoração da sala de atividades aluvia ao tema

Nesta sessão, foi apresentado às crianças o livro “O Cuquedo” de Clara Cunha, sendo feita uma exploração dos elementos paratextuais antes da leitura da história. Nesta fase, considerou-se importante perceber se alguma das crianças do grupo já conhecia a história ou se alguma vez tinha contactado com o livro. Por isso, as crianças foram questionadas nesse sentido, sendo que apenas uma referiu já ter tido algum contato com o livro, não se lembrando do assunto que o mesmo tratava:

JP: “ Eu tenho esse livro em casa. Mas não me lembro do nome”

Esta afirmação comprova que cada vez mais as crianças relacionam o que exploram no jardim-de-infância com o que tem ou fazem em casa.

Deste modo, a estagiária iniciou a leitura pausada e expressiva da história, com o objetivo de despertar o interesse nas crianças através da escuta da mesma. Esta não foi contada na íntegra, pois o objetivo era não dar a conhecer, pelo menos para já, quem era o Cuquedo, para assim se poder alimentar o imaginário das crianças sobre quem seria este ser misterioso.

Depois da leitura de parte da história, as crianças foram questionadas acerca de vários aspetos fulcrais da mesma, sendo dado um especial enfoque à questão: “Quem será o Cuquedo?”. As respostas das crianças foram muito variadas, tendo em conta diferentes características do Cuquedo:

TG: “Um monstro.”

LA: “Não existem monstros.”

FR: “É assustador.”

LO: “É muito grande.”

JP: “Tem umas orelhas muito grandes e uns olhos muito grandes para assustar.”

Com estas afirmações as crianças focam aspetos que segundo elas traduzem uma figura de assustador.

Exploração da segunda subatividade: Registo do Cuquedo segundo a primeira perspetiva das crianças

Terminada a exploração da história, e depois de oralmente as crianças terem referido algumas características da personagem o Cuquedo segundo a sua perspetiva, foram desafiadas a realizar um registo gráfico da referida personagem (fig.7), tendo em conta as características referidas.



Figura 7. Registos do Cuquedo segundo perspetiva das crianças

TS: “O meu Cuquedo é magrinho mas tem mãos grandes.”

CL: “Olha o meu MA está assustador?”

MA: “Não! O meu é que está, porque tem muitos cabelos e é muito gordo.”

GG: “E o meu parece um monstro?”

MR: “Sim, o meu também.”

SI: “Eu não sei fazer.”

MR: “É, assim olha para o meu.”

Estas trocas de opiniões entre as crianças revelam que as mesmas estão interessadas e empenhadas em corresponder aos objetivos desta atividade.

Com este registo pretendeu-se recolher as ideias prévias das crianças acerca do aspeto do Cuquedo antes de efetivamente o conhecerem.

Aquando da conclusão do referido registo gráfico, as crianças do grupo foram questionadas acerca de diferentes pormenores do que tinham desenhado:

Estagiária: “O que é isso JP?”

JP: “É o meu Cuquedo, assustador, porque tem umas orelhas grandes e uma boca. Um olho é verde outro é azul”

Na resposta apresentada por esta criança podemos verificar o que contém para ela um animal assustador.

A estagiária ia questionando como estavam a desenhar o Cuquedo e as crianças explicavam, algumas com algum detalhe:

FR: “É assustador.”

LO: “É um monstro.”

MA: “Tem uma cabeça muito grande.”

FI: “E umas orelhas e boca grande.”

JO: “O meu tem uma cabeça muito grande.”



Figura 8. Registo do Cuquedo segundo a perspetiva das crianças

O registo gráfico (fig.8) realizado serviu para uma posterior comparação com um novo registo, realizado também de forma individual por cada uma das crianças do grupo quando o desfecho da história já era conhecido, ou seja, depois de já terem conhecido a personagem o Cuquedo.

Através da análise dos desenhos, facilmente se conclui que a maioria das crianças associa a personagem o Cuquedo a um bicho assustador, caracterizado por apresentar uma cabeça exageradamente grande e braços ao alto para poder pregar sustos.



Figura 9. Demonstração dos registos gráficos

Exploração da terceira subatividade: Registo do Cuquedo depois de o conhecerem.

Após o término das atividades de exploração do Cuquedo segundo a perspetiva das crianças do grupo, foi dada a conhecer às mesmas a segunda parte do livro "O Cuquedo", de Clara Cunha.

Ao longo da prática das atividades referidas foi evidente o interesse e a curiosidade crescente por parte das crianças em relação à personagem "Cuquedo":

MA: "É hoje que vamos conhecer o Cuquedo?"

TS: "Uauuu."

FR: "Que fixe."

LA: "Tenho medo."

HE: "Chuuu quero ver."

Estes comentários permitem-nos verificar o entusiasmo e curiosidade das crianças em torno a personagem principal da história.

Assim, neste ponto, tornou-se oportuno apresentar ao grupo a referida personagem. Deste modo, foi realizada uma apresentação em formato digital (fig.10), através da projeção das páginas do livro.

Durante a apresentação da história, o grupo mostrou-se sempre atento e expectante em relação à personagem que queriam conhecer. Terminada a apresentação, a estagiária desenvolveu um pequeno diálogo com o grupo onde foram analisados os aspetos fulcrais da segunda parte da história.

Estagiária: “O que acharam do Cuquedo?”

HE: “Era assustador.”

JP: “Pois era.”

Estagiária: “Era assim tão assustador?”

JR: “Sim.”

LO: “Sim.”

BM: “Não.”

Estagiária: “Porquê que não o achaste assim tão assustador BM?”

BM: “Porque é pequeno.”

Estagiária: “Quem seria o Cuquedo?”

CL: “Um mau.”

JP: “Parece uma massa esparguete.”

GB: “Parece uma bolinha de lã.”

ER: “Parece uma ervilha.”

JO: “Parece uma batata.”

Através destes comentários podemos concluir que embora as respostas apresentadas fossem distintas a participação e interesse em responder à pergunta colocada foi bastante, pois muitas crianças quiseram dar a sua opinião sobre esta personagem.

À semelhança do que aconteceu na subatividade “Registo do Cuquedo segundo a primeira perspetiva das crianças”, neste ponto, a estagiária voltou a desafiar as crianças do grupo a

realizar um novo registo gráfico do Cuquedo, desta vez atendendo ao que ouviram e observaram.

À medida que as crianças do grupo iam terminando os registos gráficos a estagiária foi questionando as mesmas individualmente sobre o que cada uma havia desenhado:

LO: “Quero fazer o cabelo preto.”

MA: “O cabelo é assim para cima?”



Figura 10. Exploração da história na íntegra

Reflexão da atividade: “VAMOS CONHECER O CUQUEDO”

Na grelha 1 que se segue apresentamos dados indicadores do interesse e desempenho do grupo perante a exploração da história “o Cuquedo”.

Grelha 1 Exploração da história “O Cuquedo”

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Interesse pela atividade	Concentração ao escutar a história	Postura	Preocupação na história
BM	3	3	3	3
BA	3	3	3	2
CL	3	2	3	3
DI	3	3	3	2
ER	2	3	3	2
FA	3	3	3	3
FE	3	3	3	3
FR	3	3	3	3
GB	3	3	3	3
GG	3	3	3	3
HE	2	2	3	3
JP	3	3	3	3
JO	3	3	3	3
JR	3	3	2	3
LA	3	3	3	3
LO	3	3	3	3
PE	2	3	2	3
MA	3	2	3	3
MR	3	3	3	2
SA	3	3	3	3
SI	2	3	3	3
TS	3	3	2	3
SOMA (1)	0	0	0	0
SOMA (2)	4	3	4	4
SOMA (3)	19	20	20	19

(1 – Pouco, 2 – Bom, 3 - Muito Bom)

Ao longo desta atividade foram desenvolvidas ações tendo por base a história “O Cuquedo”. Assim, e uma vez que muitas das crianças desconheciam a história, foram-se

desencadeando diversas questões por parte do grupo que permitiram atingir o objetivo pretendido.

A história foi explorada através de um leque de atividades que levou as crianças a embarcar na sua própria imaginação sobre a personagem - o Cuquedo.

Inicialmente, exploramos com o grupo os elementos paratextuais que compõe o livro, onde verificámos que as crianças estavam atentas e curiosas por conhecerem a história.

Durante a leitura, o grupo demonstrou-se interessado e entusiasmado por descobrir o Cuquedo, sendo que se trata da personagem principal da história e que nada lhes foi dito sobre a mesma. Isto serviu para o próximo desafio colocado às crianças: efetuarem o registo ilustrativo desta personagem “incógnita”.

Deste modo, considero que os materiais utilizados, bem como os materiais construídos, foram um foco de atenção e motivação para o envolvimento das atividades.

Os dados recolhidos permitem-nos constatar que, todo o grupo revelou interesse pela atividade desenvolvida, bem como permaneceram concentrados ao escutar a história.

De uma forma geral, todos mantiveram a postura adequada ao longo da atividade e revelaram preocupação com o desenrolar da história.

Verificámos que, na sequência da exploração da história e, na realização da tarefa: o registo do Cuquedo segundo a primeira perspetiva das crianças, estas mostraram-se apreensivas e tentavam adivinhar como é que ele seria. Esta iniciativa serviu para despertar o interesse das crianças que mais se dispersam e para centrar a atenção do grupo no trabalho que está a decorrer.

Os resultados obtidos foram interessantes e alguns deles aproximaram-se da figura real desta personagem, como foi o caso das crianças: JP, LA, ER, CL, TG, FR. Os registos efetuados por elas traduzem-se no desenho de um ser “terrível” com uns olhos muito carregados, uma boca grande, e os braços compridos e abertos.

A ilustração feita pela maior parte do grupo permite-nos perceber que adquiriram os conhecimentos revelados na história sobre esta figura, pois é tratado como um animal

assustador e terrível. Todas as crianças realizaram e concluíram esta atividade, sendo que os desenhos ajudam-nos a percebermos que algumas delas sentiram um pouco de dificuldades na realização da ilustração.

Na sequência desta tarefa surgiu uma outra intitulada por “ Registo do Cuquedo depois de o conhecerem”, que teve como intuito constatar a capacidade das crianças ilustrarem um ser que já sabem as suas características. Desta forma, concluímos a leitura da história para que as crianças adquirissem informações necessárias para a atividade que se seguia.

Nas ilustrações realizadas houve uma grande evolução, sendo que a maior parte do grupo utilizou a cor negra para o desenho, demonstrando-se atentos face à ilustração desta personagem no livro. Quase a totalidade das crianças aproximaram-se da ilustração presente no livro, uma vez que até o pormenor dos cabelos espetados foi bem conseguido pelas mesmas.

As crianças TS,CL,JP,FR,LA,FE não só utilizaram a cor negra para retratar uma personagem que definiam como “terrível”, mas também gozaram do carregado para realçar o olhar escuro desta figura. Por outro lado, as crianças FA e GG, revelaram uma evolução menos boa, pois o segundo registo manteve-se no mesmo parâmetro que o primeiro.

Esta atividade proporcionou às crianças uma visão da história de outro ponto de vista, pois através dos desenhos realizados elas próprias adquiriram noções diferentes sobre a mesma personagem.

O gosto das crianças por esta narrativa foi conquistado e nos registos constatámos a evolução desejada e verificámos através dos comentários das crianças que afinal o Cuquedo não era assim tão assustador.

LO: “Eu já não tenho medo do Cuquedo.”

FR: “Ele está tão giro no meu desenho que nem faz mal.”

Com os comentários das crianças acima transcritos podemos verificar que estas estavam interiorizadas na atividade e que tinham adquirido uma outra noção face a esta personagem.

4.2. Atividade: “Os animais da história”

A atividade “Os animais da história” foi subdividida em três subatividades, implementadas em diferentes fases do projeto, sendo elas:

- ❖ Sequência dos animais da história-Imagens e fantoches
- ❖ Livro gigante do Cuquedo - para perceberem a sequência da história
- ❖ Diferenciar animais domésticos e selvagens – para relacionar os animais da história

Exploração da primeira subatividade: Sequência dos animais da história-Imagens e fantoches

Na sequência da leitura da história, e do questionamento adjacente à mesma, foi realizada com o grupo uma atividade de organização de imagens (fig.11) de modo a verificar se as crianças compreenderam e captaram a ordem de entrada das personagens na ação da história. Desta forma, colocámos em cima da mesa de atividades uma imagem de cada uma das diferentes personagens da história, dando oportunidade ao grupo de as manipular e ordenar segundo o critério de entrada das personagens na história.

No decorrer desta atividade, as crianças partilhavam as suas ideias e raciocínios, sendo que nem todas tinham a mesma opinião:

LO: “Primeiro aparecia a zebra, depois o hipopótamo, ou depois era antes o rinoceronte...”

JP: “Eu acho que primeiro são os hipopótamos. Só podem ter sido eles os primeiros.”

FE: “Claro que primeiro apareceram os hipopótamos e depois foi a zebra. Tenho a certeza.”

Nestes comentários analisámos a participação ativa das crianças que recorriam à memória para ordenar corretamente a sequência dos animais.

À medida que as crianças iam referindo a ordem de aparecimento dos animais na história, eram colocadas as imagens representativas dos respetivos animais no quadro.



Figura 11. Imagem da sequência da história

Nesta fase, e em simultâneo, como várias crianças tinham diferentes ideias sobre a ordem da entrada dos animais no conto, a estagiária ia auxiliando com diferentes questões e recordando algumas passagens da história.

Ao longo da realização desta atividade foi necessário apelar ao cumprimento das regras da sala, devido à agitação das crianças, que ao quererem intervir em simultâneo diziam o que pensavam.

Uma vez terminada a sequência do conto, o grupo pôde escutar novamente a história, de modo a que pudessem comprovar se a ordenação estava de acordo com a mesma. A leitura da história serviu para o grupo constatar uma falha na sequência realizada. Posto isto, algumas crianças manifestaram-se tentando corrigir o erro:

BM: “Eu disse, este animal não é aqui, é ali.”

JR: “Que confusão. Aquele está trocado.”

TS: “O rinoceronte está mal. É no fim.”

LA: “A girafa é antes do rinoceronte.”

Estes comentários permitem-nos verificar que o grupo estava envolvido na atividade e era capaz de verificar os erros na sequência dos animais o que mostra que estavam interiorizados na narrativa.

Nas sessões seguintes, e ainda no âmbito da exploração da subatividade “Sequência dos animais da história”, foi proposta ao grupo uma atividade de reconto da história “O Cuquedo”. Para isso, propusemos que nesta atividade as crianças utilizassem fantoches alusivos às personagens do referido conto.

O intuito da utilização e criação dos fantoches foi de atribuir ao enredo mais dinâmica de modo a tornar a ação mais apelativa para as crianças. A realização desta atividade permitiu-nos constatar se o grupo tinha interiorizado a ordem dos animais na história, bem como algumas frases que ao longo da mesma se repetem.

Ao promover uma atividade onde o reconto da história é efetuado com o uso de fantoches (fig.13), verificámos que as crianças não tinham noções do que era dramatizar e, quando esclarecidas sobre este conceito as reações das mesmas demonstraram uma grande vontade em fazê-lo.

Estagiária: “Agora que já perceberam. Gostavam de poder fazer uma peça de teatro?”

Todos: “Sim.”

Estagiária: “Será que éramos capazes?”

LO: “Sim, mas não podemos, não tem nada aqui na sala.”

Estagiária: “Não tem nada? Então e o quê que iríamos precisar?”

SA: “Podemos ser artistas?”

FI: “Fantoches...”

MA: “Casa para os fantoches...”

Estagiária: “Onde moram os fantoches?”

CL: “Nas histórias...”

FR: “Naquelas coisas de madeira com cortinas e tudo.”

SI: “Aquilo onde as pessoas se escondem e mexem com as mãos só.”

Estagiária: “Um fantocheiro? É isso?”

Todos: “Sim!”

Estagiária: “Gostavam de fazer uma peça de teatro?”

JP: “Como se faz?”



Figura 12. Fantoches representativos dos animais da história

HE: “Vamos fazer o Cuquedo?”

Estagiária: “Já alguma vez foram ao teatro?”

FR. SI:” Sim.”

Estagiária: ”Há muitos meninos que ainda não foram. Gostavam de ir?”

Todos: “Sim.”

Através deste diálogo em grande grupo confirmámos que existia por parte das crianças algum conhecimento em torno de tudo que engloba uma peça de teatro, bem como podemos analisar que estas sentiam vontade de dramatizar a história do Cuquedo.

Posto isto, e uma vez verificado muito interesse por parte do grupo face ao domínio da expressão dramática, foi realizada uma ida ao teatro para que as crianças satisfizessem as suas curiosidades e assim ganhassem o primeiro contato com a dramatização. O grupo assistiu à peça de teatro “O Gato das Botas”, no Teatro Municipal de Viana do Castelo.



Figura 13. Fantoches para recriar a história

Exploração da segunda subatividade: Livro gigante do Cuquedo- para perceberem a sequência da história

Seguidamente da leitura e exploração do livro “O Cuquedo” que suscitou no grupo bastante interesse onde várias crianças revelaram um maior gosto pela leitura do que o revelado até ao momento. Fomos observando a necessidade de adicionar este livro à área da biblioteca presente na sala de atividades.



Figura 14. Exploração do livro gigante

Deste modo, construímos um livro gigante e apelativo referente à história “O Cuquedo”, com o intuito de satisfazer as necessidades e interesses das crianças face ao mesmo e, de motivá-las para o gosto pelos livros. Assim, o livro gigante contou com a ajuda das crianças para a sua construção (ordenar as páginas de acordo com a sequência da história) (fig.14) e foi colocado na área da biblioteca, para as crianças o manusear e explorarem sempre que o desejassem.

TS: “Quando vamos construir o nosso livro gigante?”

HE: “E é para a nossa sala?”

SA: “Vai poder ficar aqui para sempre?”

Com estes comentários avaliámos a satisfação das crianças em construir um livro gigante e também em poder adquiri-lo para a biblioteca da sala de atividades. Com isto comprovámos um aumento no interesse do grupo pelos livros.



Figura 15. Exploração e construção do livro gigante

Demos então, início à construção do referido material mas, o livro não seria construído na íntegra pois neste momento as crianças desconheciam quem era o Cuquedo. Ao longo da construção do livro as crianças iam ordenando as suas páginas de acordo com a sequência da história que já conheciam.

Exploração da terceira subatividade: Diferenciar animais domésticos e selvagens – para relacionar os animais da história – selvagens

A criação desta atividade surgiu devido a um comentário sobre uma das crianças do grupo onde revelou alguma dificuldade em distinguir um animal doméstico de um animal selvagem. De modo a resolver esta carência por parte do grupo, as crianças foram questionadas em grande grupo sobre os diferentes conceitos e, fomos explicando que o animal doméstico é o que depende do homem para sobreviver e o animal selvagem depende de si mesmo.

Partilhámos com o grupo várias imagens alusivas a diferentes animais e, agrupámo-las em dois conjuntos (fig.16). Ao longo desta tarefa as crianças teceram comentários diferentes:

JP: "Animais selvagens são os que vivem na selva."

TG: "Eu tenho uma zebra em casa."

BM: "Mas só pode se for de peluche."

JO: "Eu já vi elefantes e girafas no ZOO."

As crianças adquiriram o conhecimento transmitido no decorrer desta atividade e sentiram vontade de partilhar com o grupo o conhecimento adquirido no exterior.



Figura 16. Diferenciar animais selvagens de domésticos

No entanto, ao longo da atividade as crianças decidiam organizar as imagens conforme a grandeza dos animais e colocavam-nas no conjunto dos animais grandes e pequenos. Tal como foi o caso da vaca que como era maior que o cão era animal selvagem porque era grande.



Figura 17. Registo dos conjuntos de animais

BM: “A vaca é animal selvagem porque é grande.”

JR: “E o cavalo também.”

Nestes comentários constatámos que estas duas crianças sentiam dificuldade em agrupar os animais por classes, sendo que os confundiam pois agrupavam os por tamanhos.

Foi necessário recordar várias vezes os dois conceitos explorados e demonstrar-lhe que o tamanho do animal não nos remete para o grupo ao qual este pertence (fig.17). Uma vez terminada a tarefa, seguiu-se o registo da mesma através do recorte/colagem onde verificámos que todos os meninos conseguiram interpretar e retratar o quadro alusivo aos animais selvagens e domésticos.

Reflexão da 2ª atividade "Os animais da história"

Na grelha 2 que se segue estão presentes os critérios avaliados na atividade " Sequência dos animais da história"

Grelha 2. Sequência da História "O Cuquedo"

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Interesse pela atividade	Concentração na sequência da história	Aquisição da ordem da sequência	Preocupação na história
BM	3	3	3	3
BA	3	3	3	3
CL	2	2	3	3
DI	3	3	3	3
ER	3	3	3	3
FA	3	3	3	3
FE	3	3	3	3
FR	3	3	3	3
GB	3	3	3	3
GG	2	3	1	3
HE	2	2	3	3
JP	3	3	3	3
JO	2	3	3	3
JR	3	3	2	3
LA	3	3	3	3
LO	3	3	3	3
PE	2	3	2	3
MA	3	2	3	3
MR	2	3	3	3
SA	3	3	3	3
SI	2	3	1	3
TS	3	3	2	3
TG	3	3	3	3
SOMA (1)	0	0	2	0
SOMA (2)	4	3	3	4
SOMA (3)	19	20	18	19

(1 – Pouco, 2 – Bom, 3 - Muito Bom)

A atividade referente à sequência dos animais da história realizou-se com o objetivo de facultar as crianças a memorização da entrada e saída das personagens no enredo.

Desta forma, as imagens disponibilizadas ao grupo ilustravam a imagem real dos animais da história para que as crianças adquirissem a noção exata das características físicas dos mesmos. Esta sequência foi feita através da ordenação das imagens em suporte papel e mais tarde através de fantoches alusivos às personagens.

A ideia de explorar os animais através de fantoches foi para cativar os mais pequeninos na atividade através da utilização de materiais didáticos, pois uma vez envolvidos através do uso dos mesmos tornam-se mais acessíveis à aquisição do conteúdo da sequência das personagens. É de realçar que, antes da realização desta tarefa foi permitido ao grupo manusear e explorar os materiais lúdicos, nesta exploração constatámos que as crianças não estavam habituadas a utilizar frequentemente estes materiais que tanto os cativa.

Começámos por questionar as crianças sobre a que animal correspondia cada figura e através das respostas fornecidas pelo grupo constatámos que a sua totalidade conseguia identificar os animais em questão.

A totalidade do grupo demonstrou interesse pela atividade realizada tendo-se revelado concentrados na sequência da história.

Quanto à aquisição da ordem da sequência dos animais na história verificámos que apenas duas crianças SI e GG não atingiram os objetivos pretendidos pois trocam a ordem de entrada dos animais na história, e quando não o fazem constatámos que se seguem pelos outros colegas.

De uma forma geral, podemos analisar que a totalidade do grupo se demonstra preocupada e apreensiva face ao seguimento da história.

Quanto à aquisição do conteúdo deste conto considerámos que foi bem conseguida pois as intervenções das crianças e as respostas dadas pelas mesmas perante as questões colocadas revelam conhecimento pelo desenrolar da história.

É importante referir que, o recurso a suportes cénicos para a animação da leitura, bem como apropriarmo-nos de diferentes meios de expressão e comunicação como é o caso da expressão dramática, para envolver o grupo no conto são fatores vantajosos quer para os orientadores como para os participantes.

Deste modo, os materiais didáticos favorecem as aquisições dos mais pequeninos, sentimos a necessidade de criar “O livro gigante “O Cuquedo””. Isto deve-se à entrega e interesse das crianças perante a história explorada e também para ultrapassar a carência existente na área da biblioteca face a falta de livros.

Considerámos que, ao disponibilizarmos um livro de grandes dimensões e com aspetos físicos apelativos, contribuímos para o gosto das crianças pelo livro e pela leitura. Neste caso em particular, o benefício de se disponibilizar o livro gigante consistiu em manter um grupo de crianças que iriam dramatizar a história nele presente, envolvidos na mesma. As crianças estavam cativadas com o novo material e apesar de terem tido a oportunidade de explorarem e manusearem o novo livro, elas tocavam neste material sempre que podiam.

O gosto das crianças pela história explorada e pelo novo material traduz-se no número de vezes em que estas procuravam a área da biblioteca fazendo filas de espera para poderem usufruir do livro gigante.

Devo ainda partilhar que, numa das sessões uma criança pediu autorização para mostrar à sua mãe o livro do Cuquedo que eles tinham ganhado.

TS: “Posso mostrar à minha mãe o nosso livro gigante?”

Estes comentários comprovam que as crianças estavam satisfeitas e familiarizadas com o novo livro na área da biblioteca, bem como revelam o interesse das mesmas em quererem mostrar à comunidade familiar o trabalho desenvolvido na sala de atividades.

Exploração da terceira subatividade: Diferenciar animais domésticos e selvagens

Após um questionamento realizado em grande grupo sobre os animais envolvidos no enredo da história “O Cuquedo”, onde abordámos as características físicas dos diferentes animais, surgiram comentários por parte das crianças duvidosos face ao tipo de grupo de cada animal. Assim, sentimos necessidade de explorar cada animal diferenciando-os quanto a serem animais domésticos ou animais selvagens. Inicialmente, decifrámos os dois

conceitos e num diálogo em grande grupo verificámos que a maioria das crianças haviam entendido o que era uma animal selvagem e o que era uma animal doméstico.

Posto isto, íamos confrontando as crianças sobre o grupo de animal de cada um dos animais que participam na história.

Na grelha 3 que se segue apresentámos os parâmetros avaliados nesta atividade.

Grelha 3 Diferenciar animais domésticos de selvagens

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Interesse pela atividade	Conhecimento pelas caraterísticas físicas dos animais	Sabe distinguir animais domésticos de animais selvagens	Efetua o registo corretamente
BM	S	S	S	N
BA	S	N	S	S
CL	S	S	S	S
DI	S	S	S	S
ER	S	S	S	S
FA	S	S	S	S
FE	S	S	S	S
FR	S	S	S	S
GB	S	S	S	S
GG	S	N	S	S
HE	S	S	S	S
JP	S	S	S	S
JO	S	S	S	S
JR	S	S	S	S
LA	S	S	S	S
LO	S	S	S	S
PE	S	S	S	S
MA	S	S	S	S
MR	S	S	S	S
SA	S	S	S	S
SI	S	S	S	S
TS	S	S	S	S
TG	S	N	N	N
SOMA (S)	23	20	22	21
SOMA (N)	0	3	1	2

(S: sim; N: não)

Tal como a informação transmitida na grelha nos suscita, esta atividade revelou que a totalidade do grupo se mostrou interessado em desenvolvê-la. Quanto ao conhecimento das crianças face às características físicas dos animais apenas três crianças sentiram dificuldade em defini-las.



Os dados recolhidos apontam-nos para o facto de apenas uma criança não saber distinguir animais domésticos de animais selvagens, visto que em alguns casos faziam confusão, pois relacionavam o tamanho do animal com o facto de se tratar de uma animal selvagem caso fosse grande.

No momento de registarem individualmente os animais por eles recortados em grupos de animais domésticos ou de animais selvagens, verificámos que apenas duas crianças não foram capazes de efetuar corretamente esse registo. Contudo, apesar destas crianças revelarem dificuldade em corresponder aos objetivos desta atividade, as mesmas realizaram a tarefa com sabiam.

Esta atividade surgiu para satisfazer uma necessidade por parte do grupo e para transmitir-lhes conhecimentos necessários para o desenrolar deste projeto.

A distinção do tipo de cada animal e, através do desempenho de cada criança podemos concluir que de uma forma geral o grupo superou esta lacuna. Desta forma, demos continuidade as atividades desenvolvidas e com o novo desafio levamos o grupo a escolha do animal que gostariam de dramatizar.

4.3. Atividade: “Que animal queres dramatizar?”

Esta atividade é composta por três subatividades que se completam, sendo elas:

- ❖ Registo do animal que escolheram para representar

- ❖ Gráfico da escolha do animal para a dramatização
- ❖ Ida ao teatro municipal

Exploração da primeira subatividade: Registo do animal que escolheram para representar

Uma vez verificada e demonstrada pelo grupo uma grande vontade de representar a história anteriormente explorada através de uma dramatização, partimos para a escolha do animal que cada um iria representar. Assim, propusemos que cada uma das crianças ilustrasse num papel, o animal da história que preferisse (fig.18).

As crianças ficaram entusiasmadas, as suas opiniões divergiam e, ao longo da atividade faziam as seguintes observações:

FE: “Vamos para o teatro?”

Estagiária: “Não. Agora vamos desenhar o animal que cada um gostava de representar. Eu também vou desenhar um.”

TG: “Podemos escolher o que nós gostamos mais?”

BM: “Eu não sei desenhar um hipopótamo mas posso desenhar uma girafa. É mais gira e mais fácil de pintar.”

CL: “Eu gosto muito da zebra, vou desenhá-la muito gira.”

Estagiária: “Agora, vamos colocar as nossas imagens em cima das mesas e vamos juntos tentar descobrir qual é o animal que cada um de nós desenhou.”

Com os comentários acima transcritos verificámos o cuidado e empenho do grupo ao realizar este desafio, pois as crianças queriam desenhar o animal que melhor soubessem ilustrar esquecendo-se do objetivo central desta atividade. Contudo, apesar das dificuldades sentidas as crianças quiseram participar na atividade da forma que melhor o sabiam fazer.



Figura 18. Registo do animal que querem representar



Figura 19. Registo e identificação dos pormenores

No decorrer da atividade o grupo partilhava as suas imagens e iam descobrindo qual o animal que cada um deles ilustrou, à medida que o faziam legendávamos essa imagem. Esta atividade foi realizada em grande grupo e sempre que possível eram colocadas questões sobre as características de cada animal.

TS: “Isto é uma girafa, vê-se logo pelo pescoço.”

SA: “Ela desenhou um hipopótamo porque está muito gordinho.”

JR: “Aquilo só pode ser o rinoceronte porque tem um corno.”

Estes comentários ajudam-nos a verificar que o grupo tinha adquirido as características físicas dos animais, fazendo ênfase a alguns aspetos específicos de cada um.

Uma vez finalizada esta tarefa, os desenhos foram fixados no painel da sala de atividades e, vários foram os meninos que quiseram mostrar aos familiares o animal que haviam desenhado.

JP: “Olha pai, anda ver o meu animal preferido da história. Adivinha o que é.”

Esta intervenção serve para comprovar o envolvimento parental no projeto, sendo que por muitas vezes este envolvimento fazia-se surgir por parte das crianças.

Reflexão da subatividade:

As crianças revelaram interesse e entusiasmo ao longo de toda a tarefa pois o facto dos animais que eles deveriam escolher serem alusivos a história por eles conhecida, despertou ainda mais o interesse das crianças. Surgiram muitas questões por parte do grupo face ao

desafio colocado, pois as crianças sabiam desenhar alguns animais mas tinham dificuldade em desenhar o animal da sua preferência.

As crianças mostraram-se com receio de não serem capazes de desenhar o animal que gostaria de dramatizar, para tal a estagiária disponibilizou as imagens dos animais para que as crianças observassem determinados pormenores que pudessem ser úteis para o desenho a efetuar.

O facto da história onde as personagens são os animais em questão terem sido exploradas em grande grupo, permitiu desenvolver um diálogo rico envolvendo vocabulário próprio, nomeadamente o nome de cada animal e as suas características.

Ao analisar os registos, verificou-se que a maioria das crianças atingiu grande parte dos objetivos da tarefa, identificando as imagens na folha, através da descrição das suas características físicas. Algumas das crianças chegaram a assinalar pormenores relevantes que demonstram uma aprendizagem dos conceitos explorados.

Salienta-se, no entanto, que as crianças solucionaram o problema inicial desenhando um outro animal mais fácil para ela. O que nos remete a uma análise incerta, visto que foram influenciados por uma dificuldade sentida.

Esta tarefa foi realizada em grande grupo porém a estagiária aproximava-se de cada criança para acompanhar de perto as que normalmente são mais reticentes nas participações deste género. Deste modo, e uma vez que cada desenho foi explorado em grande grupo, foi possível criar uma interação mais profunda com os trabalhos realizados por cada criança.

Após a realização desta tarefa pode-se inferir que as crianças evidenciaram uma evolução face aos registos efetuados, sendo que a aprendizagem da história e o papel de cada personagem pode ter influenciado as escolhas dos mais pequeninos.

Ao longo de toda a atividade as crianças demonstraram-se preocupadas em aperfeiçoar as suas ilustrações tentando aproximar o desenho do real. O grupo esteve participativo e motivado durante a tarefa proposta.

Exploração da subatividade: Gráfico da escolha do animal para a dramatização

Esta subatividade serviu para consolidar as escolhas e reunir os grupos dos animais preferidos das crianças. Assim, cada criança fazia a sua escolha e consoante a mesma, colocava no gráfico uma mola (identificada com o seu nome) (fig.20) na imagem que correspondia ao animal que desejavam representar.

Ao analisarmos o resultado do gráfico e ao compararmos o mesmo com os desenhos ilustrados pelas crianças, verificámos uma notória diferença.

A maioria das crianças manteve o animal que já havia escolhido mas, outros fizeram uma nova escolha. Ao serem confrontados com estes



Figura 20. Gráfico da escolha do animal para dramatizar

factos, as crianças justificavam-se com o motivo de não saberem desenhar o animal que realmente preferiam e, desta forma optaram por outro mais fácil de ilustrar.

FR: “Eu queira ser a girafa, mas não consegui desenhar e fiz outro.”

JP: “São todos da selva e eu gosto mais deste.”

Estas afirmações remetem-nos para uma participação ativa por parte das crianças perante o desafio colocado.

Concluída a análise do gráfico, voltámos a recordar a cada criança qual o animal que esta iria representar e, aquando uma repetição da escolha de um determinado animal por duas ou mais crianças, era questionado às mesmas qual o outro animal que mais gostavam. Assim, todas as crianças iriam dramatizar um animal da sua preferência.



As crianças ficaram muito motivadas e empolgadas, estavam sempre a questionar o que iriam fazer a seguir e quando podiam imitar o seu animal.

Estes dados revelam que o grupo estava interiorizado nesta história, neste projeto.

Figura 21. Escolha do animal através do Gráfico

Reflexão da subatividade:

Na sequência da tarefa anterior o grupo foi desafiado a registar as suas preferências num gráfico alusivo as personagens a integrar na dramatização.

Refletindo e analisando sobre os registos das crianças, de um modo global pode verificar-se que as crianças partilhavam das mesmas preferências. No entanto, estas opções influenciariam no enredo da peça de teatro, pois cada uma delas iria interpretar o animal escolhido.

Para que fosse possível uma melhor distribuição dos papéis a desempenhar e, seguindo a regra da sala de atividades a que as crianças já estão habituadas, foi-lhes desafiado escolherem outro animal. Esta estratégia foi bem aceite por parte do grupo que facilmente fez uma nova escolha e ganhou um papel a desenvolver.

Uma vez terminada a tarefa, os participantes estavam satisfeitos por saberem qual o animal que cada um deveria recriar e, prontamente começaram a imitar esse animal.

A sala de atividades ganhou várias girafas, hipopótamos, rinoceronte, zebras e elefantes. Foi possível analisar que o grupo estava deseioso por começar a ensaiar a dramatização

Exploração da subatividade: Ida ao Teatro Municipal

Esta atividade surge, tal como referimos anteriormente, de uma conversa realizada em grande grupo onde verificámos que, apenas duas crianças já tinham contactado com o meio dramático, mais propriamente, já tinham assistido a peças de teatro. Desta forma, foi-lhes proporcionado realizar uma ida ao Teatro Municipal de Viana do Castelo, (fig.23) onde assistiram à peça teatral “O gato das botas”. Esta ida ao teatro foi um momento importante para que as crianças pudessem perceber o que acontece numa peça de teatro, como é o teatro, o que é preciso ter ou fazer para representar.

Durante o percurso feito pelo grupo, íamos recordando a importância de estarem atentos a tudo o que estava à sua volta pois mais tarde também eles seriam “atores”, uma vez que, iam representar a história do Cuquedo.

SI: “Isto é tudo tão giro.”

JR: “Estamos no cinema não se pode falar só ouvir e ver.”

HE: “Nós também vamos fazer isto ali no palco?”

BA: “Aquelas roupas são giras e eles falam alto.”

Estes comentários permitem-nos inferir que o grupo estava satisfeito e deslumbrado pelo espaço.

As crianças estavam muito curiosas com o que se estava a passar, revelaram-se muito atentas e motivadas para também elas dramatizarem.



Figura 22. Informação da peça de teatro



Figura 23. Teatro Municipal de Viana do Castelo

Reflexão da subatividade:

Na grelha 4 de observação seguinte estão patentes os aspetos analisados desta atividade.

Grelha 4 Ida ao teatro municipal Sá Miranda

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Contato com o teatro	Entusiasmados	Comunica através da expressão facial	Revela preocupação e atenção ao sucedido
BM	N	S	3	S
BA	N	S	3	S
CL	N	S	3	S
DI	N	S	3	S
ER	N	S	3	S
FA	N	S	3	S
FE	N	S	3	S
FR	S	S	3	S
GB	N	S	3	S
GG	N	S	3	S
HE	N	S	3	S
JP	N	S	3	S
JO	N	S	3	S
JR	N	S	3	S
LA	N	S	3	S
LO	N	S	3	S
PE	N	S	3	S
MA	N	S	3	S
MR	N	S	3	S
SA	N	S	3	S
SI	S	S	3	S
TS	N	S	3	S
TG	N	S	3	S
SOMA (S)	2	23	-	23
SOMA (N)	21	0	-	0
SOMA (1 E 2)	-	-	0	-
SOMA (3)	-	-	23	-

(N-Não S- Sim 1-Pouco 2-Bem 3-Muito)

Esta atividade serviu para aproximarmos o grupo de tudo o que engloba uma peça de teatro, bem como a forma como os atores encaram as suas personagens.

Apenas duas crianças haviam experimentado a ida ao teatro, sendo que para as restantes esta atividade foi uma novidade e, como tal algumas delas estavam apreensivas face ao que poderia acontecer.

A totalidade do grupo revelou-se muito entusiasmada com a ida ao teatro, pois estavam curiosos por descobrir o que envolvia uma peça de teatro.

Através da expressão facial das crianças podemos perceber que estas estavam fascinadas com o espaço do teatro, sorriram vezes sem conta ao longo da dramatização e estavam muito atentos ao que acontecia a seguir.

De uma forma geral, todas as crianças estavam preocupadas com o desenrolar da história e muito concentrados ao que as personagens faziam.

Inferimos que esta subatividade tenha sido uma boa opção pois satisfaz as necessidades e interesses das crianças e permitiu-lhes ganhar conhecimento face ao que abrange uma peça de teatro.

4.4. Atividade: “A orquestra do Cuquedo”

Exploração da canção com pictograma e coreografia

O instrumental “The Lion sleeps tonight” tem vindo a ser reproduzido desde o início no ano, como música de fundo quando as crianças estão a trabalhar individualmente. A intencionalidade de o fazermos é manter o ambiente da sala de atividades tranquilo e fazer com que o grupo se concentrasse nas tarefas a desenvolver.

Ao reproduzirmos esta melodia questionámos as crianças sobre o conhecimento do que estavam a escutar:

Estagiária: “Já ouviram esta música em algum lado?”

LO: “Já, não me lembro onde.”

FR: “Sim.”

TS: “É do rei leão.”

SI: “De um hipopótamo, eu vi na internet.”



Figura 24. Ensaio no polivalente

Os comentários apresentados pelas crianças comprovam que as mesmas estavam interiorizadas com a música instrumental.

A estagiária apela a que ouçam a música em silêncio para poderem perceber a pulsação. De seguida, desafia as crianças a escutarem a música e a marcarem a pulsação com dois dedos a bater na mão (fig.24). Depois a marcarem a pulsação estalando os dedos, e por fim, de pé a marcarem a pulsação batendo com as mãos nas pernas.

Esta atividade gerou um pouco de confusão, uma vez que, inicialmente as crianças estavam muito desordenadas. Foi necessário sermos a exemplificar o desejado, fizemo-lo mais lento e depois mais rápido.

De modo a que, o grupo atingisse os objetivos pretendidos, fizeram-se várias tentativas, as crianças foram agrupadas em dois grupos e foi alternada a forma de marcarem a pulsação. Assim, foi possível fazer com que o grupo marcasse a pulsação da música como o pretendido.

No seguimento desta atividade e visto que, o grupo já havia interiorizado as diferentes formas de marcar a pulsação, partilhámos com o grupo um pictograma com a ilustração da letra da música. Este veio ajudar as crianças a memorizar a letra da canção do “Cuquedo”, escrita pela estagiária Liliana Nova.

Desta forma, questionámos as crianças acerca do que estavam a observar.

Estagiária: “O que vos parece isto?”

JP: “Imagens.”

FR: “É letras.”

Estagiária: “Para que será isto?”

FE: “Para lermos.”

Através das respostas dadas pelas crianças, estas perceberam o que compõe um pictograma e para quê que este serve.



Figura 25. Primeiro contato com o pictograma

Este pictograma (fig.25) possui várias imagens visto que as crianças desta faixa etária não conseguem ler. As imagens eram simples de identificar e apelativas. Assim, as crianças conseguiram fazer uma leitura adequada da letra, interiorizaram-na e foram capazes de o cantar acompanhando o ritmo e a pulsação da música. Para isto, foram realizados vários ensaios (fig.26).



Figura 26. Ensaio da música do Cuquedo

Reflexão da atividade:



Figura 27. Pictograma da música do Cuquedo

Esta atividade teve o intuito de envolver as crianças no domínio da expressão musical, visto ter sido detetada uma preferência do grupo face à música.

Deste modo, e para desenvolvermos nas crianças a capacidade de memorização das letras das músicas usufruímos de um pictograma (fig.27) através do qual o grupo conseguia fazer a leitura da letra segundo as imagens nele ilustradas.

Inicialmente, reproduzimos o som instrumental e marcámos a pulsação da música sobre diferentes formas corporais. Depois partilhámos com o grupo o pictograma e fizemos a leitura do mesmo em grande grupo, explorando

frase a frase e imagem a imagem.

De seguida, desafiámos a que cantassem a música só as meninas e depois só os meninos. Posteriormente, as crianças cantaram a música juntas várias vezes para assimilarem a letra,

quando já estavam todos familiarizados com a canção, foram desafiados a cantar a música acompanhando com a marcação da pulsação.

Na grelha 5 podemos analisar alguns aspetos referentes à prestação das crianças nesta atividade

Grelha 5 Canção do Cuquedo

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Interpretou o pictograma	Marcou a pulsação da música	Memorização da letra da canção	Conseguiu marcar pulsação e acompanhar a letra da música em simultâneo
BM	3	3	3	3
BA	3	2	3	3
CL	3	3	3	3
DI	3	2	3	3
ER	3	3	3	3
FA	3	2	3	3
FE	2	3	3	3
FR	2	3	3	3
GB	2	3	3	3
GG	3	3	2	3
HE	2	3	3	3
JP	3	2	3	2
JO	2	2	3	3
JR	3	3	3	2
LA	3	3	3	3
LO	3	2	3	3
PE	3	3	3	2
MA	2	2	3	3
MR	3	3	3	2
SA	3	2	3	3
SI	2	3	2	2
TS	3	3	3	3
TG	3	2	3	3
SOMA (1)	0	0	0	0
SOMA (2)	7	9	2	5
SOMA (3)	16	14	21	18

1 - Pouco, 2 - Bom, 3 - Muito bom

Os processos anteriormente especificados na exploração desta música devem-se à dificuldade sentida pelas crianças em memorizar a letra das músicas e a acompanhar o ritmo das mesmas. Considero que, tenha sido vantagoso explorar a música desta forma pois, levou o grupo a uma melhor absorção da mesma.

Todas as crianças conseguiram realizar com sucesso a interpretação/leitura do pictograma.

Uma grande parte das crianças foram capazes de marcar a pulsação da música adequadamente, após alguns ensaios sendo que uma minoria sentiram um pouco de dificuldades em fazê-lo no momento certo.

A totalidade do grupo memorizou e cantou a letra completa da canção, verificando-se que as estratégias utilizadas para tal foram bem conseguidas.

Inicialmente, várias crianças sentiram dificuldade em marcar a pulsação e acompanhar a letra da música em simultâneo, porém após vários ensaios e tentativas esta situação resolveu-se sendo que apenas seis crianças mantiveram a dificuldade em fazê-lo.

De uma forma geral, a prestação do grupo foi positiva pois os resultados obtidos são satisfatórios.

4.5. Atividade: “Descoberta de talentos”

Ensaios da dramatização para a preparação pública

Ao longo da dramatização da história foram sendo ouvidos alguns comentários por parte de alguns elementos do grupo que indicavam ter já alguns conhecimentos sobre a história.

Os ensaios da dramatização teve como principal objetivo que as crianças soubessem a sua posição e o que tinham que fazer na sua vez. Assim, a estagiária orientou o primeiro ensaio no que diz respeito às crianças terem noção de qual o animal que iam representar e as posições em que deviam estar. Desta forma, apelávamos a que memorizassem quem era o amigo do lado, quem estava á sua frente e quem estava atrás de si.

As crianças estavam motivadas e muito agitadas, visto tratar-se de uma atividade fora do que estavam habituadas a desenvolver mais frequentemente.

Ao longo da preparação para a dramatização algumas crianças foram evidenciando dificuldades em saber qual era o seu animal e a sua posição, mas os seus colegas ajudavam na medida em que se lembravam de quem estava ao seu lado.



Figura 28. Ensaio da dramatização com as máscaras

Com esta atividade o objetivo principal era escutar a história e, aquando a escuta do seu animal, as crianças deveriam movimentar-se para o centro em manada “de um lado para o outro” como referia na história. Assim, exemplificavam a locomoção do animal correspondente.

Neste ensaio e para que as crianças sentissem que estavam a representar, possuíam umas máscaras do animal correspondente. Estas máscaras motivaram as crianças fazendo com que se sentissem dentro do papel a desenvolver (fig.28).

Cl: “Eu estava a tua frente.”

MA: “Faz antes assim.”

FR: “Tu estás sempre ao meu lado.”

JP: “Podemos ensaiar outra vez?”

LO: “Eu já sei essa parte.”

Com estes comentários analisámos o sentido de cooperação presente no grupo de crianças e também a capacidade e estratégia de memorização por elas utilizado.



Figura 29. Ensaio da dramatização



Figura 30. Ensaio geral na Paróquia

Tal como se pode verificar nas imagens acima expostas, inicialmente os ensaios da dramatização decorreram na sala de atividades, mais tarde e com o objetivo de os efetuar num local mais amplo, passámos a realizá-los no polivalente do jardim-de-infância. Já o ensaio geral foi feito no local onde a dramatização seria apresentada, na Paróquia Social da Meadela.

No desenrolar destes ensaios constatámos que a mudança de espaços influenciou o desempenho do grupo, pois ficavam com dúvidas acerca das posições a ocupar (fig.30).

As crianças teciam comentários entre eles:

GG: “Eu sou o hipopótamo.”

TS: “Eu sou a girafa.”

ER: “Tu és o elefante que eu sei, por isso devias estar ali.”

Estes comentários mostram que cada uma delas sabia o seu papel e até mesmo o papel que um ou outro colega desempenhava. Tal permite-nos verificar o envolvimento do grupo na história.

Reflexão da atividade:

Foram vários os ensaios realizados com base na dramatização da história “O Cuquedo”. O papel de narradora foi assumido pela estagiária, a qual ia partilhando com as crianças as falas que tinham de enunciar e dava sugestões da expressividade e entoação que as mesmas deveriam adotar. Estes ensaios foram realizados sempre em grande grupo e contaram com a ajuda do par pedagógico e da educadora cooperante, na medida em que

juntas ajudávamos as crianças a perceber para onde se deveriam deslocar e quando o deveriam de fazer.

Na grelha 6 de observação correspondente a esta atividade está presente a avaliação efetuada sobre a mesma.

Grelha 6 Ensaio do Cuquedo

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Demonstra aprendizagens face ao papel desempenhado	Efetua os gestos ao ritmo da música	Revelou um bom comportamento durante os ensaios peça	Revela desinibição ao ensaiar
BM	3	3	3	3
BA	2	3	3	3
CL	2	3	3	3
DI	3	3	3	2
ER	2	3	2	3
FA	3	3	3	3
FE	3	3	3	3
FR	3	3	3	3
GB	2	3	3	3
GG	2	3	3	3
HE	2	3	3	3
JP	3	3	3	3
JO	2	3	3	3
JR	2	3	3	3
LA	3	3	3	3
LO	3	3	3	3
PE	2	3	3	3
MA	2	3	3	3
MR	3	3	3	3
SA	2	3	3	3
SI	2	3	3	3
TS	2	3	3	3
TG	2	3	3	3
SOMA (1)	0	0	0	0
SOMA (2)	14	0	1	1
SOMA (3)	9	23	22	22

1 – Pouco, 2 – Bom, 3 - Muito bom

Verificámos que no início desta atividade as crianças demonstraram-se apreensivas pois não sabiam o que tinham concretamente que fazer. Para solucionar este impacto negativo,

fomos dando sugestões e intervenções que tornaram as crianças capazes de entender o que deveriam fazer.

Trata-se de uma atividade motivadora e foi com empenho e diversão que as crianças participaram de forma ativa em todos os ensaios. Estes momentos proporcionaram ao grupo a exploração da sua voz e do seu corpo, pois experimentaram dimensões expressivas e comunicativas.

Esta atividade envolveu o grupo na sua totalidade sendo que até as crianças mais inibidas e desinteressadas intervinham no trabalho desenvolvido, evidenciando mais atenção e interesse.

As dificuldades sentidas no decorrer destes ensaios derivam da mudança dos espaços onde os mesmos se realizavam, pois as crianças sentiam-se baralhadas quanto à deslocação nos mesmos. Outro dos fatores que dificultava o desenrolar dos ensaios foi a excitação das crianças por quererem entrar na dramatização antes do momento previsto.

Os dados recolhidos nesta grelha dizem respeito a uma análise realizada no ensaio geral o que nos permite verificar a evolução das crianças ao longo dos ensaios. Assim, estes dados apontam-nos para o facto algumas crianças revelarem ainda alguma dificuldade em demonstrar as aprendizagens face ao papel desempenhado. A razão pela qual isto acontece deve-se a estas crianças terem um pouco mais de dificuldade em se exporem.

Relativamente ao momento em que ensaiavam a música acompanhada com gestos e marcações de pulsação verificámos que a maioria das crianças desempenham estas funções sem qualquer dificuldade, sendo que as restantes confundem um pouco e atrasam-se na marcação da pulsação.

De uma forma geral, todos os participantes estavam predispostos para os ensaios mostrando-se divertidos e interessados em fazer parte da peça de teatro, porém e como se trata de uma atividade dinâmica realizada num grande grupo havia momentos em que o grupo dispersava um pouco.

Apesar das crianças não estarem habituadas a desenvolver este tipo de atividades lúdicas, apenas uma criança se demonstrou inibida durante os ensaios realizados.

Verificámos que, ao longo dos ensaios houve uma grande evolução, sobretudo devido ao facto das crianças estarem a trabalhar em grande grupo e existir espírito de entre ajuda de umas para com as outras.

4.6. Atividade “Sei contar a história - O Cuquedo”

Criação da história em áudio - gravações das vozes das crianças

Esta atividade surgiu devido a possíveis problemas acústicos a ocorrer no momento da apresentação, visto que se tratam de crianças que ainda não sabem colocar a sua voz e não haviam microfones disponíveis para todas elas. Assim, lembramo-nos de gravar as vozes de cada personagem para as reproduzir no momento da peça de teatro (fig.31).

Foi necessário explicar ao grupo que como não haviam microfones para todos eles, e como os seus pais e familiares gostariam de os poder ouvir, decidimos gravar a história contada por eles. Desta forma, experimentamos gravar com algumas falas das crianças e no fim mostramos-lhes o resultado, para que estas pudessem ter a perceção do que estávamos a fazer.



Figura 31. Gravação da história em grande grupo

Foi um momento muito engraçado pois eles tentavam adivinhar quem estava a falar e ficavam muito atentos a escutar a gravação. Assim, a estagiária formou grupos pelos tipos de animais, (fig.32) para procedermos às gravações por partes e para que todos pudessem falar.



Figura32. Gravação da história em pequenos grupos

Como as personagens são crianças e não sabem ler, as falas eram lidas pelos adultos e elas repetiam na sua vez.

Reflexão da atividade:

Grelha 7 Gravação da história:

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Demonstra-se familiarizado com a história	Revela capacidade de atribuir a entoação adequada	Revela capacidade de memorização das suas falas	Sabe a sequência da história
BM	3	3	3	3
BA	2	3	3	3
CL	2	3	3	3
DI	3	3	3	2
ER	2	3	2	3
FA	3	3	3	3
FE	3	3	3	3
FR	3	3	3	3
GB	2	3	3	3
GG	2	3	3	3
HE	2	3	3	3
JP	3	3	3	3
JO	2	3	3	3
JR	2	3	3	3
LA	3	3	3	3
LO	3	3	3	3
PE	2	3	3	3
MA	2	3	3	3
MR	3	3	3	3
SA	2	3	3	3
SI	2	3	3	3
TS	2	3	3	3
TG	2	3	3	3
SOMA (1)	0	0	0	0
SOMA (2)	14	0	1	1
SOMA (3)	9	23	22	22

1-Pouco, 2-Bom, 3-Muito Bom

Esta atividade foi planeada como forma alternativa a possíveis problemas no momento da apresentação. Desta forma, utilizando um gravador de voz foi gravada a história com as vozes de cada personagem.

Inicialmente, a estagiária tinha de fazer a leitura do conto e mais tarde a criança repetia a sua fala. Ao longo desta atividade várias foram as intervenções por parte dos mais pequenos e a análise dos seus desenvolvimentos encontra-se na grelha 7.

Todas as crianças estavam familiarizadas com a história o Cuquedo, pois esta narrativa tinha sido explorada várias vezes e de diferentes formas.

Cerca de vinte e duas crianças sabiam precisamente a sequência do conto, tinham a noção da ordem de entrada dos respetivos animais e também da personagem principal do enredo. As restantes crianças do grupo tinham a noção dos intervenientes mas por vezes trocavam a ordem pela qual surgiam na história.

Aproximadamente, todos dos participantes foram capazes de adequar o tom de voz, a entoação nas falas da sua personagem com sucesso. Por vezes algumas das crianças aproximava-se do pretendido mas por vezes deixava de o fazer pois estava mais concentrada em repetir as falas do que na forma como as repetia.

Apenas uma das crianças do grupo sentia-se razoável em memorizar as falas das suas personagens, pois só repetia a parte da fala que já haviam adquirido.

Em suma, considerámos que esta atividade foi bem conseguida uma vez que as crianças valorizaram o trabalho por elas desenvolvido e ao partilharmos o resultado da gravação com o grande grupo, as reações foram de uma evidente satisfação.

4.7. Atividade: “Mãos à obra

Elaboração das Cabeças e fatos – colaboração dos pais e familiares

Esta atividade consistia na construção dos fantoches a utilizar na peça de teatro, isto é de cabeças em esponja ilustrativas de cada animal presente na história.

De modo a, promover a interação e participação dos pais e familiares no desenvolvimento educativo das crianças, estes foram convidados a dar o seu contributo e a estarem presentes na elaboração das cabeças em esponja.

A cumplicidade que existe por parte dos pais no envolvimento do projeto é uma mais-valia para a motivação das crianças, e o resultado da mesma foram sorrisos e muito orgulho por parte dos mais pequeninos.

FR: “A minha mãe já pintou esta parte toda.”

JP: “O meu pai sabe fazer isto.”

FI: “Este é o meu avô.”

SI: “Mãe o meu animal é aquele.”



Figura 33. Colaboração dos familiares

Estas afirmações permitem-nos inferir que o envolvimento parental pode ser tido como um sucesso num projeto deste cariz.

De modo a que, todos os que desejassem pudessem participar, optámos por agendar duas sessões em diferentes horários para que fosse possível a presença do maior número de familiares (fig.33).

Esta atividade suscitou a participação e o convívio da comunidade familiar junto da comunidade educativa. Sendo isto uma mais-valia para este grupo de crianças, na medida em que as vantagens para os mais pequeninos são muitas e para os mais crescidos também.

Em alguns casos, aconteceu de as crianças se sentirem tristes por não terem ninguém a representá-las, tal como aconteceu de alguns pais se mostrarem disponíveis para intervir no projeto de outra forma, visto não ter sido possível estar presente. Para solucionar este problema foram disponibilizados materiais de modo a que estes familiares pudessem participar na construção do vestuário (fig.34).



Figura 34. Colaboração dos familiares

Reflexão da atividade:

Esta atividade visou o envolvimento parental na comunidade educativa. A peça a dramatizar requeria vestuário e acessórios que permitissem à criança uma melhor interpretação da sua personagem.

Deste modo, na grelha 8 de observação referente a esta tarefa apresentámos dados que nos indicam as conclusões a retirar sobre a mesma.



Figura 35. Acabamentos finais por parte das crianças

Grelha 8 Envolvimento de pais e familiares:

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)		
	Os familiares reagiram com disponibilidade à tarefa	Colaborou com entusiasmo na construção dos materiais	Participação dos pais, familiares e/ou encarregados de educação
BM	3	3	Sim
BA	3	3	Sim
CL	3	3	Sim
DI	3	3	Sim
ER	3	3	Sim
FA	2	3	Sim
FE	3	3	Sim
FR	3	3	Sim
GB	3	3	Sim
GG	2	3	Sim
HE	2	3	Sim
JP	3	3	Sim
JO	3	3	Sim
JR	3	3	Sim
LA	3	3	Sim
LO	3	3	Sim
PE	3	3	Sim
MA	2	3	Sim
MR	3	3	Sim
SA	3	3	Sim
SI	3	3	Sim
TS	3	3	Sim
TG	3	3	Sim
SOMA (1)	0	0	-
SOMA (2)	4	0	-
SOMA (3)	19	23	-
SOMA (S)	-	-	23
SOMA (N)	-	-	0

1-Pouco, 2-Bom, 3-Muito Bom, S-Sim, N-Não

É de salientar que os pais/familiares das crianças reagiram à solicitação efetuada por parte da comunidade educativa. Cerca de quinze encarregados de educação conseguiram estar presentes na elaboração das cabeças em esponja.

Estes demonstraram-se entusiasmados e envolvidos na tarefa sendo que participaram de forma ativa e dinâmica na construção dos materiais.

Esta atividade foi realizada em duas sessões de forma a facilitar a presença do maior número de familiares disponíveis para integrar na atividade, porém, devido a motivos laborais, alguns pais não conseguiram estar presentes em nenhuma destas sessões. No entanto, estes demonstraram-se participativos e com vontade de contribuir para este projeto e, na consequência de vários pedidos foi atribuído a cada pai a responsabilidade de personalizarem os fatos disponibilizados por nós.

Considero que, esta atividade foi bem conseguida devido ao interesse e empenho dos pais em envolverem-se neste projeto atribuindo com um toque pessoal ao vestuário dos seus educandos.

Esta participação foi satisfatória para nós, que orientamos o estudo em questão, foi gratificante para os pais, que viam os seus filhos orgulhosos das suas prestações e, sobretudo para as crianças que se sentiam felizes por verem os familiares a participarem no mesmo projeto que elas.

Em suma, é importante realçar que o envolvimento dos pais e familiares na “educação pré-escolar é complementar da ação educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento educativo e as famílias” (p.22).

4.8. Atividade: “Alto lá, estão todos convidados”

Elaboração dos convites para os familiares

As crianças estavam muito entusiasmadas com a ideia de poderem elas próprias construir os convites para os familiares e encarregados de educação, referentes à peça de teatro “O Cuquedo”.

Esta atividade foi desenvolvida em pequenos grupos de modo a facilitar a participação de todas as crianças nos convites. Desta forma, a estagiária disponibilizou os materiais necessários (fig.36) para a sua construção e cada criança personalizou o seu convite.



Figura 36. Material para a elaboração dos convites

Nesta elaboração o grupo recorreu a diferentes



Figura 38. Técnica do carimbo e do supro de tinta

técnicas de expressão plástica, mais propriamente da técnica do carimbo (onde estes eram alusivos aos animais da história), do recorte e colagem e ao supro de tinta (fig.37 e 38). Ainda nesta tarefa, as crianças

construíram um pompom com o objetivo de ilustrar a personagem



Figura 37. Elaboração dos convites - Técnica da colagem

principal da

história: O Cuquedo.

Ao longo da atividade, as crianças revelavam gosto e apreço pelos seus trabalhos e valorizavam-se a cada passo.

JO: “O meu está a ficar mais bonito que o teu, porque eu recorto melhor.”

JR: “Este Cuquedo está mesmo engraçado.”

SA: “O meu pai vai adorar o meu convite.”

MR: “Podias colar antes assim.”

BM: “Tens que soprar com mais força BA.”



Figura 39. Elaboração dos pompons

Estas afirmações revelam o empenho das crianças ao desenvolver esta tarefa e, podemos concluir que cada criança valorizava o seu próprio trabalho. Algumas delas intervinham no desempenho dos seus colegas dando sugestões e indicações para o melhorarem.



Figura 40. Convite para os pais e encarregados de educação

Decidiu-se ainda elaborar um convite para expor no jardim-de-infância com o objetivo de



convidar as restantes salas de atividades a assistirem a nossa peça de teatro. Deste modo, desafiámos o grupo a ajudar na realização desta tarefa e o resultado está presente na imagem ilustrada (fig.41).

Ao finalizarem esta atividade as crianças questionavam várias vezes quando podiam levar os convites e entregá-los aos familiares, o que demonstra envolvimento no projeto e empenho em mais uma tarefa realizada.

Figura 41. Convite para a comunidade educativa

Reflexão da atividade:

O grupo foi desafiado à construção dos convites para os seus familiares poderem assistir ao produto final e a reação destes a mais um desafio, foi com uma notória vontade de os construir. Inicialmente, as crianças desabafavam que nunca tinham sido elas a construir convites e que ia ser divertido ver o resultado desta experiência.

De modo a ser possível a elaboração dos mesmos optámos por distribuir as crianças por pequenos grupos para que assim pudéssemos acompanhar de perto o trabalho desenvolvido por cada uma delas. Assim, disponibilizámos materiais e também a escrita impressa no convite, exemplificámos o que era suposto eles fazerem e depois demos a liberdade de cada criança personalizar o seu convite.

Grelha 9 Construção dos convites para os familiares:

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Reagiu com entusiasmo ao desafio	Colaborou com entusiasmo e criatividade na construção do convite	Revelou cuidado com o produto final	Conclusão da tarefa proposta
BM	3	3	3	Sim
BA	3	3	3	Sim
CL	3	3	3	Sim
DI	3	3	3	Sim
ER	3	3	3	Sim
FA	3	3	3	Sim
FE	3	3	3	Sim
FR	3	3	3	Sim
GB	3	3	3	Sim
GG	3	3	3	Sim
HE	3	3	3	Sim
JP	3	3	3	Sim
JO	3	3	3	Sim
JR	3	3	3	Sim
LA	3	3	3	Sim
LO	3	3	3	Sim
PE	3	3	2	Sim
MA	3	3	3	Sim
MR	3	3	3	Sim
SA	3	3	3	Sim
SI	2	3	3	Sim
TS	3	3	3	Sim
TG	3	3	3	Sim
SOMA (1)	0	0	0	-
SOMA (2)	1	0	1	-
SOMA (3)	22	23	22	
SOMA (SIM)	-	-	-	23
SOMA (NÃO)	-	-	-	0

1-Pouco, 2-Bom, 3-Muito Bom, S-Sim, N-Não

De uma forma geral o grupo demonstrou a vontade em usufruir das diferentes técnicas de expressão plástica: carimbagem, recorte e colagem e sopro de tinta.

Na grelha 9 de observação, apresentámos as avaliações realizadas segundo os seguintes parâmetros.

Os resultados revelaram empenho e motivação por parte das crianças, onde a maior parte delas colaborou com entusiasmo na construção dos convites e com muito cuidado com os materiais utilizados.

De uma forma geral, a totalidade do grupo reagiu com entusiasmo ao desafio colocado e a mesma colaboração de uma forma empenhada na construção dos materiais, sendo que, todos eles concluíram a construção dos convites.

As crianças estavam orgulhosas do seu desempenho e desejosas de levar para casa o produto final.

Os convites ficaram apelativos e alusivos a temática explorada, ou seja, com estes convites os convidados percebiam o teor da peça de teatro.

4.9. Atividade “Viagem à selva”

Apresentação final do projeto

Esta atividade é o resultado do trabalho desenvolvido pelas crianças ao longo de todo este projeto. Trata-se de uma peça de teatro e como tal leva o grupo a envolver-se no jogo dramático, sendo que teve ainda a exploração a outros domínios como a expressão plástica e a expressão musical.



Figura 42. Preparação para a apresentação final

É importante referir que, o momento da apresentação foi partilhado com mais três grupos de crianças que também iriam apresentar um número artístico.

A intencionalidade desta tarefa era estimular a criança à expressividade e a capacidade de interpretação, mas sobretudo divertirem-se enquanto aprendem.

A peça de teatro “O Cuquedo” foi realizada na Paróquia do Centro Social da Meadela, para todo o jardim-de-infância, bem como pais e familiares dos participantes.

Inicialmente, o espaço estava pré disposto para a apresentação final deste projeto. Aquando da chegada dos convidados estava a ser reproduzida uma música ambiente. Seguiu-se uma breve apresentação que serviu de arranque à dramatização.

A narração da história estava planeada de forma a serem as vozes das crianças reproduzidas por uma gravação previamente preparada. Contudo, o acústico do espaço e a dimensão do mesmo não permitiu que tal fosse possível e, para resolver este imprevisto (que foi detetado durante o ensaio geral), acordámos que fosse outra estagiária a fazê-lo.

Na apresentação da peça de teatro (fig.43) as crianças revelaram expressividade, empenho e responsabilidade, sendo que estavam unidos e muito orgulhosos do papel que eles conseguiram desempenhar.

O grupo revelou vontade em repetir a atuação pois sentiam-se confortáveis ao fazê-la.

No momento do intervalo, foi apelado aos familiares para darem as suas opiniões sobre o espetáculo. Cada convidado deveria mencionar a sala a que se referia e escrever o seu comentário sobre essa apresentação. Todas essas opiniões foram recolhidas na “caixinha das opiniões” e, mais tarde serviu de análise ao trabalho realizado.



Figura 43. Apresentação da dramatização do Cuquedo

Reflexão da atividade:

A apresentação final permitiu-nos obter resultados que superaram os desempenhos do grupo nos ensaios realizados. Para esta atividade foi necessário estimular o grupo a uma evolução constante e, esta contou com a participação de todas as crianças bem como da comunidade educativa.

Na grelha 10 estão focados os desempenhos do grupo nesta atividade, de modo a termos uma perceção da evolução por eles conquistada.

Tal como podemos verificar não temos qualquer observação efetuada sobre as crianças MR e ER, isto porque a primeira estava doente e não esteve presente no dia da apresentação e a última sentiu-se demasiado inibida e sempre que via os seus



Figura 44. Atuação da música do Cuquedo

familiares desistia da apresentação. Mais tarde a criança ER sentiu vontade de participar ativamente no momento da canção.

Analisando esta grelha de observação e interligando-a com os ensaios realizados, verificámos uma evolução nas prestações do grupo em geral. Durante os ensaios as crianças (cujas faixas etárias variam entre três e quatro anos) atingiam os objetivos definidos, mas muitas vezes dispersavam do que lhes era pedido e, no momento da apresentação final surpreenderam-nos com expressões e atitudes de cooperação.

As reações do grupo nos ensaios traduzem-se pela carência dos mesmos face ao contato com o domínio dramático, porém no momento da peça de teatro ao público, os pequeninos mostraram que haviam adquirido os conhecimentos até aqui transmitidos e orgulhosos disso olhavam para os seus familiares sorrindo com satisfação.

Nesta atividade final a criança PE e a HE destacam-se pela positiva, uma vez que, mostraram expressividade e capacidade de coordenação ao longo de toda a dramatização.

Grelha 10 Apresentação da peça de teatro "O Cuquedo":

CRIANÇAS	Indicadores (Interesses/ aptidões/ atitudes)			
	Comunica através do corpo	Conseguiram Marcar a pulsação da música	Cantou a música corretamente e intervir nos momentos de diferentes entoações.	Revela desinibição ao público
BM	3	3	3	3
BA	2	2	3	3
CL	2	3	2	3
DI	3	3	3	3
ER	3	3	3	2
FA	2	3	3	3
FE	3	3	3	3
FR	2	3	2	2
GB	3	3	3	3
GG	2	2	2	3
HE	2	2	3	3
JP	3	3	3	3
JO	3	3	3	3
JR	3	3	3	3
LA	3	3	3	3
LO	3	3	2	3
PE	3	3	3	3
MA	3	3	3	3
MR	3	3	3	3
SA	3	3	3	3
SI	3	3	3	3
TS	3	3	3	3
TG	3	3	3	3
SOMA (1)	0	0	0	0
SOMA (2)	6	3	4	2
SOMA (3)	17	20	19	21

1 - Pouco, 2 - Bom, 3 - Muito Bom

O grupo de crianças que representava as girafas estavam divertidos e conseguiram representar o seu animal tal como o pretendido: estavam alinhados, sabiam as entradas e saídas de ação e estavam atentos às posturas desempenhadas.

Com a realização de uma atividade dramática diagnosticámos que as crianças de um modo geral perceberam a história e as características e ações de cada animal.

No momento em que as crianças exploraram o domínio musical, (fig.44 e 45) o resultado obtido foi satisfatório pois marcavam a pulsação com o corpo e cantavam a letra completa da música. Nesta parte da atuação, destaco as crianças SA e FA pois estiveram desinibidas e empolgadas ao cantarem a música completa acompanhada com os gestos e as pulsações.



Figura 45. Apresentação da canção e coreografia do Cuquedo

Considero que, o vestuário e as cabeças alusivas aos animais a representar (construídas pelos familiares num trabalho conjunto com a comunidade educativa) foram vantajosas para a dramatização, visto que muitas crianças se sentem envergonhadas ao serem observadas pelos adultos e também porque facilita na interpretação da personagem. No entanto, tínhamos planeado pintar o rosto dos participantes de acordo com o animal que desempenhavam, mas estava muito calor e para assegurar o bem-estar das crianças decidimos não o fazer.

As crianças preferiam ter sido pintadas pois, já havíamos combinado isso e para não as desanimar pintamos apenas o nariz de cada uma delas, deixando-as satisfeitas e vaidosas.

Tal como conseguimos comprovar com a análise presente na grelha, a criança JP tinha uma grande capacidade de memorização, pois sobressai-se do grupo no sentido em que sabia todas as entradas e saídas dos animais na ação bem como sabia as falas e atitudes da sua personagem- O Cuquedo a personagem principal da história.

De modo a conseguirmos uma análise específica do trabalho realizado, desafiámos os convidados a colocarem as suas opiniões na "caixinha das opiniões". O resultado desta recolha esta patente na grelha 11 abaixo transcrita.

Grelha 11 Comentários das famílias acerca da apresentação:

CRIANÇAS FAMILIARES	INDICADORES (INTERESSES/ APTIDÕES/ ATITUDES) Respostas obtidas/Comentários
BM	“Adorei a festa tão esperada correu muito bem a minha filha estava ansiosa”
BA	“Gostei muito de tudo, tudo pensado ao pormenor, obrigada”
CL	“Obrigada pelo cuidado e trabalho com os nossos meninos”
DI	“A Liliana é incrível, este projeto foi muito bem pensado e organizado”
ER	“Ela chorou porque me viu porque ela em casa fala sempre da peça do Cuquedo”
FA	“Ela em casa disse que estava nervosa “
FE	“Ele disse que tinha que chegar cedo porque se tinham que preparar”
FR	“Ele nem dormiu direito com a ansiedade”
GB	“Gostei muito estava tudo preparado ao pormenor”
GG	“Obrigada por fazerem o meu filho feliz tao envolvido no JI”
HE	“Ela só falava este Cuquedo em casa, adoramos “
JP	“Iniciativas destas é o que os nossos filhos precisam, obrigado por tudo”
JO	“Gostamos muito, parabéns “
JR	“O JR não veio porque estava doente mas quero o DVD da festa, porque ele ficou
LA	“O espetáculo estava muito bem organizado e muito bonito”
LO	“Gostei muito, estava muito bem ensaiado e bem decorado”
PE	“Valeu a pena o esforço”
MA	“Acho que melhor não podia ter corrido estava tudo muito bonito”
MR	“O empenho e dedicação da Liliana valeu mesmo apenas, adoramos”
SA	“Sem vocês isto não seria possível ser concretizado esta peça foi muito
SI	“Estava curiosa por saber como iria correr o teatro e confesso que gostei muito,
TS	“Adorei ainda bem que vim tive que por o dia de ferias”
TG	“Tudo pensado tudo organizado ao pormenor, parabéns foi um sucesso”

É de realçar que, momentos antes da sua apresentação a mãe da criança JP fez questão de partilhar connosco que o menino estava muito ansioso para este momento e que em casa não falava de outra coisa e estava constantemente a querer ensaiar a peça com os seus familiares. Este testemunho foi recebido com muita satisfação pois sentimos que estavam a valorizar o nosso trabalho e que de um ponto de vista pessoal este projeto tinha envolvido em muito esta criança.

Esta atividade final e tudo o que foi realizado até aqui contribuiu para o desenvolvimento da concentração, recriação e interpretação de papéis por parte das crianças.

De uma forma geral, o balanço feito pelos familiares dos participantes foi satisfatório pois verificámos através dos seus comentários que estes estavam orgulhosos do desempenho dos seus filhos e que este foi um projeto que suscitou a curiosidade dos pais devido às experiências que as crianças partilhavam em casa.

Constatámos ainda que os familiares valorizaram todo o trabalho desenvolvido até ao momento desta apresentação e que estes se sentiam realizados por terem participado de forma ativa no projeto dos seus educandos.

Partilha-se da opinião de Eça (2009) quando refere que a educação artista não trata só da preservação de culturas e transmissão de conhecimento, mas sim da construção de identidades, intervenções criativas. Deste modo, verificámos que o grupo vivenciou um momento lúdico e proporcionou-lhes um momento de prazer e alegria revelando um fator motivacional na sua prática.



Figura 46. Apresentação em palco

5. CONCLUSÕES

Neste capítulo estão presentes as principais conclusões que se pode retirar do estudo, bem como a resposta à questão de investigação referente a mesma.

A primeira fase das conclusões sustenta as conclusões do estudo, a segunda fase incide sobre as suas limitações e por fim a terceira fase refere-se às recomendações apresentadas a ter em conta noutras investigações.

5.1. Conclusões do estudo

Ao analisar o percurso efetuado em torno deste estudo, conclui-se que cada uma das suas distintas partes estão interligadas e que só realizando todas elas seria possível atingir as proporções desejadas.

O teor deste projeto surgiu de uma observação segundo a qual se considerou pertinente promover atividades motivadoras e integradoras que fizeram com que os participantes elevassem a sua imaginação, jogassem com ela e, assumissem um papel ativo e responsável.

O grupo revelou por várias vezes sentido de criatividade e responsabilidade reagindo sempre de forma interessada e cooperante aos desafios colocados.

As atividades realizadas ao longo de todo o projeto eram diversificadas e colocavam a criança a explorar diferentes áreas e domínios.

Estas atividades interligavam-se sendo que algumas delas realizaram-se como resultado de afirmações/inquietações, por parte dos participantes. De referir que se trata de atividades lúdicas que apelam à expressão dramática, expressão musical e expressão plástica, e como tal suscitam a motivação e predisposição do grupo.

Neste estudo verifica-se que as crianças se entreadjudavam pois muitas das tarefas foram realizadas em grande grupo e esta metodologia discutida de trabalho beneficia algumas crianças, na medida em que promove uma maior interação entre eles.

Analisando todo o trabalho desenvolvido verificamos que todas as crianças participaram de uma forma livre em todas as atividades propostas. Ao fazê-lo todas elas exploraram o seu sentido da coordenação; a sua capacidade de concentração; o seu sentido de interação e entreadjudada para com o outro; e as suas capacidades de expressão. Deste modo, comprovo que todas as atividades que se aproximam de um género lúdico, captam o envolvimento da criança, visto que ao realiza-las surgem variadíssimos comentários, dúvidas e vontade de aprender e repetir.

Nesta análise, é de realçar que as tarefas desenvolvidas serviram de contributo e valorização às diferentes áreas da sala de atividades. A elaboração do livro “O Cuquedo” que despertou nas crianças o gosto e cuidado pelos livros enriqueceu a área da biblioteca.

Optámos por abordar a temática envolvimento em torno da referida história acedendo às preferências de todas as crianças, o que permitiu que adquirissem um conhecimento diversificado que os enriquece e facilita o ajuste ou resolução de problemas diários através da criatividade. Neste contexto educativo tal como em todos os outros, as crianças já começam a demonstrar-se mais ou menos confortáveis perante diferentes contextos, por isso devemos estrategicamente explorar as suas carências de forma lúdica, que as cative e envolva, mas sobretudo, que as leve a superar esses obstáculos.

Os desafios colocados ao grupo remetiam por vezes à construção de materiais e ao manuseamento dos mesmos. Deste modo, foram transmitidas conceções onde deveriam cuidar, estimar, manipular e gozar dos materiais com regras.

Ao observámos a criança em situações de livre manuseamento tornamo-nos capazes de perceber se esta capta a ideia correta de o fazer ou se necessita de ajuda para tal. Consequentemente, ao observarmos uma criança a dramatizar ou simplesmente a fazer de conta, diagnosticámos, se esta aplica os novos “truques” e conhecimentos transmitidos e se existe uma educação na sua brincadeira.

Com a finalização de todas as atividades e fazendo uma avaliação do desenvolvimento da criança, comprova-se uma notória evolução quer de conceitos, quer de interações e de dramatizações.

As crianças revelam-se mais criativas, motivadas e direcionadas para novas descobertas de cariz dramático, no sentido em que ao dramatizarem dão um toque pessoal à sua personagem, dramatizando-a com gestos e sons alusivos ao animal em questão.

É de realçar que este estudo promoveu o envolvimento parental, uma vez que os familiares foram convidados a participar de forma ativa no projeto. Assim verificámos que cada vez mais há um melhor acompanhamento por parte dos pais/encarregados de educação e que isso valoriza aos olhos da criança o trabalho por ela desenvolvido.

Com este projeto conseguimos desmistificar a ideia de que um jardim-de-infância é apenas um lugar onde os pais “depositam” os seus filhos durante um período de tempo e onde estes brincam com outras crianças, mas sim transmitir a ideia de que num jardim-de-infância se promove o desenvolvimento da criança através de atividades e projetos que satisfaçam as suas necessidades e interesses.

Deste modo, esta participação permitiu-nos verificar que as crianças comentavam o projeto em casa, na medida em que vários vezes o mesmo foi referido pelos responsáveis.

Posto isto e dando resposta à questão de investigação “De que forma a motivação das crianças condicionar o processo de ensino/aprendizagem?”, podemos concluir que quando realizámos atividades cuja função é transmitir algum tipo de conhecimento à criança, ao fazê-lo captamos a sua motivação para a desempenhar, e esta torna-se mais propícia a um progresso no seu desenvolvimento cognitivo. Um vez envolvida e direcionada para a atividade a desenvolver, a criança torna-se apta à aquisição de novos conhecimentos, pois está desperta para tal.

Por fim, devemos ainda focar que a realização deste estudo foi satisfatório e vantajoso não só para os participantes mas também a nível pessoal, pois com as experiências vivenciadas ao longo deste estudo permitiram sobretudo a aquisição de uma experiência de vida. Este projeto permitiu-me agir enquanto investigadora/observadora onde por várias vezes fiz

leituras segundo o que analisava dos comportamentos/comentários do grupo assim, ganhei práticas que seguramente me serão úteis no futuro profissional.

5.2. Recomendações para futuras investigações

Uma vez retiradas as conclusões e limitações do estudo desenvolvido e tendo em conta as vantagens, este projeto remete-nos para algumas recomendações a ter em conta em futuras investigações podendo contribuir e favorecer esse estudo.

Neste sentido, considero que atividades do domínio dinâmico ou lúdico, devem ser mais usufruídas no contexto educativo inerente.

PARTE III

REFLEXÃO FINAL SOBRE A PES

No âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar, foram vivenciadas experiências únicas e maravilhosas, com grande contributo para um futuro profissional de educação no jardim-de-infância. Foram desenvolvidas um conjunto de experiências e saberes, associados às expressões artísticas, que possibilitaram aceder às necessidades e interesses de todas as crianças. A observação e cooperação, neste contexto educativo, foram bastante importantes para o nosso desenvolvimento profissional, social e ético, uma vez que contactamos com crianças de três e quatro anos de idade, durante o ano letivo 2014/2015, num ambiente positivo e intenso. As minhas expectativas foram alcançadas e outras até superadas podendo, assim, concluir que neste momento me sinto mais autónoma no que respeita à prática profissional. O trabalho de projeto envolveu objetivos como a atuação em contexto educativo de educação pré-escolar.

Inicialmente em Prática de Ensino Supervisionada I (PES I) observámos intensamente o grupo de crianças para que fosse possível compreender melhor o ambiente educativo e as rotinas que nele se desenvolviam, de forma a planificar atividades de cariz educativo e pedagógico, perceber as necessidades do grupo em questão, e proporcionar atividades que estimulassem aquele grupo específico de crianças. Relativamente, à PES II, senti que o nível de exigência aumentou, no entanto foi mais gratificante e recompensador. Na PES I realizámos uma única implementação por semana enquanto na PES II cerca de três implementações semanais. Com isto, saliento que foi necessário um planeamento rigoroso do trabalho a desenvolver, bem como, um trabalho organizado e árduo em par. Contudo, ao disponibilizarmos de mais tempo de intervenção, tornou-se possível um maior envolvimento com o grupo de crianças e, uma abordagem mais ativa às áreas de conteúdo e domínios, comparativamente com a intervenção em PES I.

Perrenoud (2000) indica que a evolução da escola caminha para a cooperação profissional, existindo diversos fatores a ter em conta no trabalho em equipa. Deste modo, o trabalho desenvolvido a pares mostrou-se cooperante e interativo, ultrapassando os obstáculos

surgidos, a fim de atingir os objetivos pré-estabelecidos. O ambiente de trabalho foi sempre análogo no que toca ao empenho e interesse individual de cada elemento na realização de todas as atividades, o que nos permitiu a partilha de informação e a divisão equitativa de tarefas, para proporcionar a todos os elementos uma ampla autonomia de execução. Esta análise da dinâmica do par permitiu-nos avaliar todo o trabalho desenvolvido e compreender que muito dele surgiu das personalidades e das ideias distintas que existiam. Esta realidade revelou-se essencial para poder desenvolver competências essenciais para o nosso futuro profissional, como a troca de opiniões, a aceitação das mesmas, a tolerância e a consequente resolução de incidentes ou imprevistos. É de mencionar que, toda esta dimensão da cooperação desenvolveu o espírito crítico e cooperativo com todos os intervenientes no processo educativo, o respeito pelo outro e a participação democrática com a comunidade envolvente, tudo em prol do trabalho de equipa como fator de enriquecimento da formação e da atividade profissional - Decreto-Lei n.º 240/2001.

A PES revelou-se uma Unidade Curricular onde foi possível o contato direto com as crianças, elaborar e desenvolver um projeto e, ao mesmo tempo aplicá-lo. Este estudo revelou-se importante para o desenvolvimento das crianças e as atividades nelas desenvolvidas, tinham a opinião crítica e educadora cooperante que orientou o grupo de participantes. Foi possível por em prática as aprendizagens e ensinamentos adquiridos nas unidades curriculares, de forma a observar melhor o contexto e o grupo de crianças, planejar implementações que fossem de encontro como as mesmas, e também, redigir reflexões acerca da prática, reflexões essas que se revelaram importantes no seguimento de próximas implementações. Considero fundamentais as reuniões semanais com os professores supervisores, visto conseguirmos ter uma visão mais aberta do caminho mais correto a seguir, aprofundar melhores conceitos e perceber o que devemos melhorar nas intervenções seguintes. Assim, esses encontros com os professores supervisores levaram a uma maturação mais profunda e sólida por parte das estagiárias.

Em suma, a PES foi sem dúvida uma aprendizagem constante, promovida pelos docentes responsáveis desta Unidade Curricular, com o cuidado e rigor de partilhas e saberes, de modo a que se proporcionasse uma evolução visível nos estagiários, bem como, um grande crescimento enquanto profissionais de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, L. (2001). O jogo dramático e a personalidade em desenvolvimento. Comunicação apresentada no Simpósio « Teatro Y Educacion »
- Antunes, C. (2005). A criação dramática: O fazer e o pensar – um estudo com futuros professores do 1º ciclo do Ensino Básico. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho, Braga.
- Arends, R.I. (1995). Aprender a Ensinar. Lisboa: Mac Graw-Hill.
- Boal, A. (2005). Guias Criativos - Caderno de aprendizagem, Teatro do Oprimido Noautonomus.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora.
- Bruner, J. (1998). The culture of education . London: Harvard University Press.
- Coutinho, C.P. (2008). A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade.
- Eça, T. (2008). Para acabar de vez com a educação artística.
- Eça, T. (2009). Boas Vindas à Criatividade e Inovação nas Escolas.
- Estrela, A. (1994). Teoria e Prática de Observação de Classes, Uma Estratégia de Formação de Professores. Porto: Porto Editora.
- Formozinho , J. O., Andrade, F. F., & Formozinho, J. (2011). O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação. Porto: Porto Editora.
- Gambôa, R. (2010). Pedagogia em Participação: Trabalho de Projeto. In Oliveira-Formosinho, J. (org.), Gambôa, R. (org.), Formosinho, J., Costa, H. (2010).O trabalho de Projeto na Pedagogia em Participação. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, E. (1991). A criança descobre a arte. Amadora: Raiz Ed.

- Gordon, E. (2000). Teoria da Aprendizagem Musical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohman, M., & Weikart, D. P. (1997). Educar a criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohman, M., & Weikart, D. P. (2009). Educar a Criança. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- J.S.Bruner, Skinner, B., (1984). Aprendizaje escolar y evaluación . Argentina : Paidós Educador
- Katz, L. & Chard, S., (1997) A Abordagem de Projeto na Educação de Infância, Lisboa:
Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marega, Á. P., & Sforzi, M. d. (2009). O Faz-de-Conta na Idade Pré-Escolar: Brincadeira de criança? IX Congresso Nacional de Educação - EDUCARE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.
- Martins, A. (2002). Didática das expressões. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, F. (2002). O Gosto e o Seu Desenvolvimento: Análise dos Materiais Áudio de um Manual Escolar Português de Educação Musical.
- Máximo-Esteves, L.,(2008). Visão Panorâmica da Investigação-ação. Porto: Porto editora.
- Ministério da Educação (1997). Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar. Lisboa: DEB.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma Pesquisa: Passos de uma Investigação – Ação in Revista do Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria. Vol.28,nº01
- Oliveira-Formosinho, J., Lino, D., Niza, S. (2007). Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J.; McClellan, D.; Lino, D.; Katz, L., (2005). Educação Pré-Escolar -A construção Social da Moralidade. Lisboa: Texto Editores
- PACHECO, H. (1981), Artes e Tradicionais de Viana do Castelo, Lisboa: Direção Geral da Divulgação.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). O Mundo da Criança. Amadora: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda

- Perrenoud, P. (2000). Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed
- Raposo, M. (2004) A construção da pessoa: educação artística e competências transversais.
- Reis, L. (2005). Expressão Corporal e Dramática. Lisboa: Produções Editoriais, Lda.
- Roldão, M. (2010). Estratégias de Ensino: o saber e o agir do professor. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leitão.
- Serrão, M., & Carvalho, C. (2011) Revista ibero-americana de educação.
- Sousa, A. B. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação, 2º Volume, Drama e Dança. Horizontes Pedagógicos
- Spodek, B. (2002). Manual de investigação em Educação de Infância . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian .
- Spodek, B. (2010). Manual de Investigação em Educação de Infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tavares, J. (1997) – Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional. Porto: Porto Editora.
- Torres, G. M. (2008). A Expressão Dramática/Teatro como prática. Lisboa: ISCTE.
- Trindade, V. (2007). Práticas de Formação. Métodos e técnicas de observação. Orientação e Avaliação (em supervisão). Lisboa: Universidade Aberta.
- Tuckman, B. W. (2000). Investigação Educacional. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Unesco, C. N. (2007). Sessão de encerramento da Conferência Mundial sobre Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Urra, J. (2010). Educar com Bom Senso, Conselhos para formar os seus filhos com inteligência, equilíbrio emocional e valores . Lisboa: Esfera dos Livros.
- Vasconcelos, T. (1997). In Ministério da Educação – DEB (ed) (1997) Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar. Lisboa

Vigotsky, L.(1998) A formação social da mente : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes

Zabalza, M. (2003). Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola. Porto: Edições ASA.

Decretos-lei:

DECRETO-LEI nº240/2001 de 30 de agosto de 2001. Diário da República nº201 – I Série A

DECRETO-LEI nº241/2001 de 30 de agosto de 2001. Diário da República nº201 – I Série A

Site:

<http://www.escolasabelheira.com/index.php/escola>

ANEXOS

Anexo 1: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ex.mo Encarregado de Educação

Somos alunas do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e durante este ano letivo vamos desenvolver a nossa Prática de Ensino Supervisionada na sala do seu educando. Para desenvolver a nossa prática necessitamos de recolher algumas informações em formatos de vídeo ou de fotografia, relativas ao modo como as crianças desenvolvem diferentes atividades. A nossa Prática de Ensino Supervisionada contará com a Supervisão da Orientadora Cooperante Educadora Orlanda Almeida e da equipa de Supervisores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Com estes registos pretende-se, entre outros objetivos, proporcionar momentos privilegiados com diferentes atividades para o seu educando.

Como estas atividades estão integradas na nossa Prática de Ensino Supervisionada será importante que se efetue a filmagem ou se tire algumas fotografias das sessões com a finalidade de se proceder à análise, discussão e reflexão do processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, vimos pedir a V. Ex.^ª autorização para se efetuarem filmagens ou fotos para uso exclusivo da Prática de Ensino Supervisionada e análise/recolha de dados para a Tese em causa, com o compromisso de que todo o material recolhido será utilizado apenas para esse fim e será destruído quando não for necessário.

Viana do Castelo, 08 de outubro de 2014

As mestrandas

A Orientadora Cooperante

O encarregado de educação

Estimados pais e encarregados de educação:

A estagiária Liliana Nova vem por este meio solicitar a vossa ajuda e compreensão para a pintura do tecido enviado (mergulhar na tinta o tecido; pintar com spray, como preferirem), de acordo com o animal que cada criança vai representar.

Visto que muitos pais não têm disponibilidade para vir à escola participar nas atividades e as crianças adoram envolver a comunidade familiar, surgiu a oportunidade de todos colaborarem e deverá ser entregue um bocadinho do seu toque, neste projeto.

Terá que ser entregue até dia 28 de maio (quinta feira).

Agradeço o esforço e dedicação de todos.

Atenciosamente,

Liliana Nova

Sim, vou colaborar

Não, vou colaborar

Nome da criança: _____

Animal que vai representar: _____

Anexo 3: Informações aos pais e encarregados de educação

Estimados pais e encarregados de educação:

A estagiária Liliana Nova vem por este meio informar acerca do estudo de investigação no âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar. Este estudo diz respeito à área da expressão dramática, nomeadamente, à representação da peça do Cuquedo e seus envolvimento.

Desta forma, tenho vindo a desenvolver diversas atividades alusivas a esta temática onde têm estado a colaborar e estado incluídos indiretamente neste projeto.

Assim, gostaria de saber quais as crianças que vão poder estar presentes na apresentação final deste projeto dia 3 de junho.

Atenciosamente,

Liliana Nova

Sim, vai estar presente

Não, vai estar presente

Nome da criança: _____

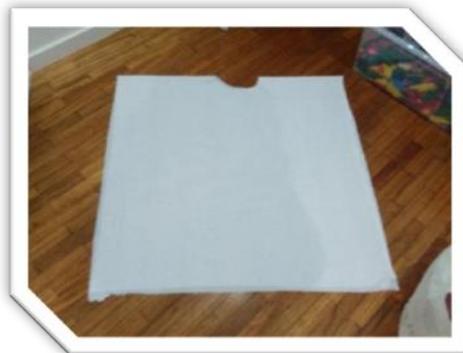
Anexo 4: Informações aos pais e encarregados de educação

Queridos pais e encarregados de educação

Assunto: Esclarecimento da pintura do tecido e outros.

Relativamente ao trabalho, apenas precisam de fazer uma abertura no tecido para colocar a cabeça. Devem pintar o tecido na parte da frente e na de trás. Não podem cortar ao comprimento. Quem quiser pode coser dos lados. Não é necessário ficarem todos iguais. A criatividade e novidade de cada família é importante. Cada um marca a diferença com o seu toque pessoal.

No dia 3 todas as crianças devem vestir roupa preferencialmente preta composta por t-shirt, leggings e meias. Caso não tenham roupa preta, a mesma deverá ser na cor mais aproximada do animal que vão representar.



Cores dos animais:

Hipopótamo: cinzento

Zebras: branco e preto

Elefantes: cinzento

Girafas: amarelo as bolinhas castanhas

Rinoceronte: castanho

No dia as crianças vão ser pintadas, na cara, por mim com tintas antialérgica e creme apropriado. Caso haja alguma criança com problema de pele que não possa pintar a cara, por favor avisem antecipadamente e deem conhecimento do problema.

Muito obrigada pelo cuidado e dedicação

Liliana Nova

Anexo 2: Pedido aos pais e encarregados de educação

Anexo 5: Convites para os familiares:



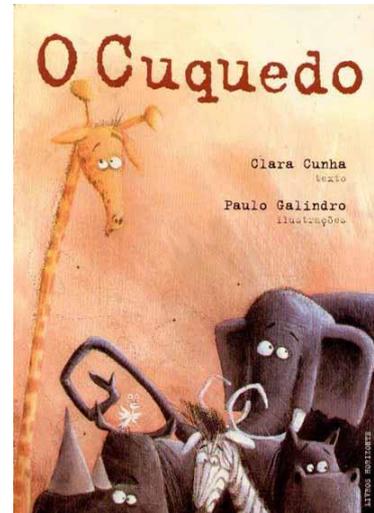
Anexo 6: Convite a comunidade educativa



Anexo 7: História do Cuquedo

“O Cuquedo”

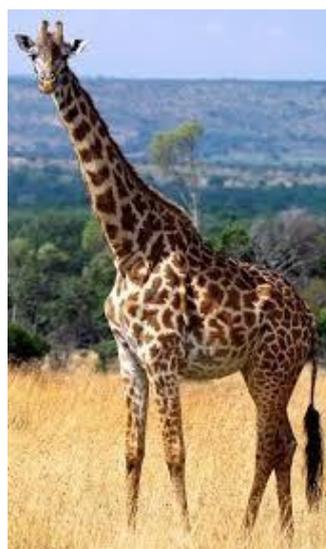
Andava uma manada de Hipopótamos de lá para cá e de cá lá, quando apareceu uma Zebra que disse: - Alto lá! Podem dizer-me o que andam vocês Hipopótamos a fazer de lá para cá e de cá para lá? - Ai tu sabes? Gritaram os Hipopótamos entre dentes. Chegou à selva o Cuquedo! - E quem é o Cuquedo? perguntou a Zebra.- O Cuquedo é muito assustador e prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar. Andava uma manda de Hipopótamos e de Zebras de lá para cá e de cá para lá, quando apareceu um Elefante disse: - Alto lá! Podem dizer-me o que andam vocês Hipopótamos e Zebras a fazer de lá para cá e de cá para lá? - Ai tu sabes? ² Gritaram todos entre dentes.



Chegou à selva o Cuquedo! - E quem é o Cuquedo? perguntou o Elefante.- O Cuquedo é muito assustador e prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar. Andava uma manda de Hipopótamos, Zebras e Elefantes de lá para cá e de cá para lá, quando apareceu uma Girafa e disse: - Alto lá! Podem dizer-me o que andam vocês Hipopótamos, Zebras e Elefantes a fazer de lá para cá e de cá para lá? - Ai tu sabes? gritaram todos entre dentes. Chegou à selva o Cuquedo! - E quem é o Cuquedo? perguntou a Girafa.- O Cuquedo é muito assustador, prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar. Andava uma manda de Hipopótamos, Zebras, Elefantes e Girafas de lá para cá e de cá para lá, quando apareceu um Rinoceronte e disse: - Alto lá! Podem dizer-me o que andam vocês Hipopótamos, Zebras, Elefantes e Girafas a fazer de lá para cá e de cá para lá?

- Ai tu sabes? gritaram todos entre dentes. Chegou à selva o Cuquedo! - E quem é o Cuquedo? ² perguntou o Rinoceronte.- O Cuquedo é muito assustador, prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar. Andava uma manda de Hipopótamos, Zebras, Elefantes, Girafas e Rinocerontes de lá para cá e de cá para lá, quando apareceu o Cuquedo e disse: - Alto lá! Podem dizer-me o que andam vocês Hipopótamos, Zebras, Elefantes, Girafas e Rinocerontes a fazer de lá para cá e de cá para lá? - Ai tu sabes? Gritaram todos entre dentes. Chegou à selva o Cuquedo! - E quem é o Cuquedo? Perguntou o Rinoceronte.- O Cuquedo é muito assustador, prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.- Ai é? BUUUMMM

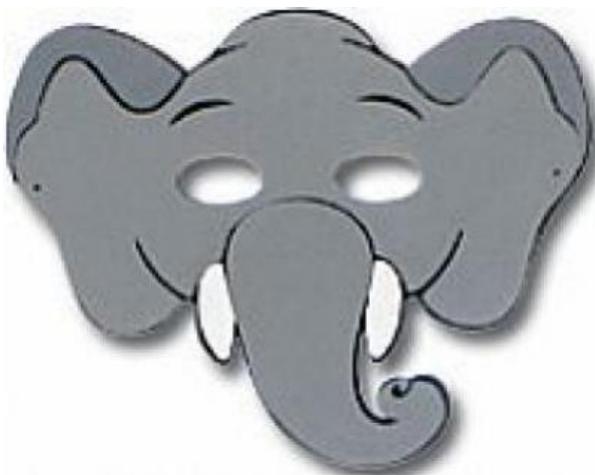
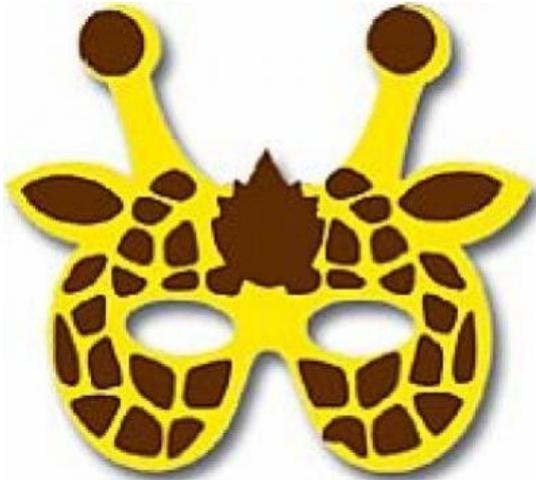
Anexo 8: Imagens dos animais



Anexo 9: Gráfico do animal preferido- imagem da internet



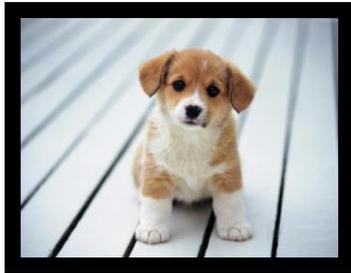
Anexo 10: Máscaras de animais



Anexo 11: Diferentes animais



Anexo 12: Imagens dos animais



Anexo 13: Letra da canção do Cuquedo “Liliana Nova”:

Hoje à noite aqui na selva

Quem dorme é o Cuquedo

Hoje à noite aqui na selva

Ele prega grandes sustos

...marcar tempo...

Ele prega grandes sustos

Se tu estiveres parado

Ele prega grandes sustos

Se não tiveres cuidado

...marcar tempo...

Hoje à noite aqui na selva

Não precisas de ter medo

Hoje à noite aqui na selva

O nosso amigo é o Cuquedo

Anexo 14: CD

- ✓ *Planificações*
- ✓ *Reflexões*
- ✓ *Áudio da história contada pelas crianças*
- ✓ *Vídeo da apresentação final “O Cuquedo”.*